

R. 0123
981
S. 58.2

SUBSIDIOS

PARA A

HISTORIA DO ARAXA'

E DUAS PALAVRAS SOBRE O

TRIANGULO MINEIRO



PUBLICAÇÃO ATÉ 1890

FUNDAÇÃO CULTURAL
CALMON BARRETO

Nº 0123

SETOR DE ARQUIVOS, BIBLIOTECA,
PESQUISAS E PUBLICAÇÕES

981
S. 58.4
el. 5

Subsidios para a historia do Araxá e duas palavras sobre o Triangulo Mineiro

AO SEBASTIÃO D'AFFONSECA:

Foi, como sabes, n'um momento ja mais condemnavel irreflexão, sem medir o alcance todo da immensa responsabilidade que ia assumir, que eu me comprometti contigo e depois com o publico, n'um *post scriptum* das "Notas de um errante," a escrever a historia do Araxá.

Não quiz, porém, por motivos diversos, arcar sozinho com o peso, para mim esmagador, de tamanha responsabilidade: propuz dividil-o contigo, na esperança —confesso—de poder mais tarde desvencilhar-me de todo. . .

Acceitaste a minha proposta que era, aliás, a parte mais difficil, mais escabrosa da obra que nos propunhamos—a compilação dos dados necessarios e a sua concatenação em rascunho. E esse rascunho, cujo polimento me caberia, seria a tua collaboração.

Muito bem, como de resto sempre esperei, desempenhaste a tua melindrosa tarefa, levada a cabo com muito tino, muita sagacidade, muita intelligencia. Parabens.

Disse, ácima, que tive o proposito de livrar-me, no momento azado, do grande compromisso irreflectidamente assumido: era fazer publicar o teu esbôço, tal qual elle me viesse de tuas mãos, sem lhe deslocar uma virgula sequer.

A' ultima hora, porém, faltou-me para tanto o animo, e os protestos de minha consciencia que se insurgiu contra o meu feio proposito—na verdade nada leal—impediram que eu executasse o meu plano.

E, assim compellido ao cumprimento de minha promessa, puz mãos á obra, offerecendo-te, agora, o producto de nossas locubrações.

Ao passo, entretanto, que assim satisfazia as exigencias de minha consciencia ethica, cuja paz acima de tudo prezo, ia incorrendo na censura acre de minha consciencia "litteraria", que, segura de minha total incompetencia para tão elevado commettimento, não me perdôa a loucura de ter-me mettido n'uma empreza tão immensamente superior á exiguidade de minhas forças, que estão na razão directa de minha pequenez intellectual.

Emfim, como o nosso modesto, despretencioso trabalho não se destina á conquista de um nome, nem tão pouco aspiramos para elle um logar, em terra o mais obscuro, na litteratura patria e só o creamos para os nossos contemporaneos—com cuja bondosa complacencia creio podermos contar—podemos entregal-o á luz da publicidade sem que nisso haja, dado o exposto, nenhuma affronta ás bellas lettras do paiz, ainda que, na parte litteraria elle seja um horrivel aleijão.

Mas, si, a despeito dos mil e um sinões de que se acha eivado, dos quaes eu não pude ou não soube expurgal-o, elle ainda assim algo encerrar de bom; si acaso, que tudo é possível, algum merito se lhe conferir, então somente a ti o louvor attingirà, que foste tu o verdadeiro auctor, a mim sò me cabendo a parte minima e da qual, todavia, tão mal me sahi.

S. Paulo—1914.

Teu, etc.,
Clodion Cardoso.

* * *

A' MOCIDADE DO ARAXÁ'

"Subsidios para a historia do Araxá," eis o humillimo trabalho que ora vos entregamos, que a vós é elle offerecido.

Sem o mais pequenino cunho scientifico, sem nenhum merito litterario que o recomende ao vosso delicado paladar para as eguarias do espirito; despido, talvez, de qualquer interesse para todo aquelle que não fôr araxaense, escrevemol-o especialmente para vós, que sois a melhor e a mais cara esperanza de nossa terra, cujo futuro—que sonhamos de rosas—tanto de vós depende.

Meros subsidios, na-la mais.

Delineamol-os para servirem de guia a quem, mais capaz de que nós, quizer emprehender estudos mais profundos de nossa historia, que offerece, como adeante vereis, mais de uma phase interessante, enlaçada em preciosas licções.

Damol-os a vós para que fiquéis conhecendo, em seu conjuncto, a vida de nosso passado—cheia de proveitosos ensinamentos; os erros que nos hão infelicitado, os quaes deveis profligar, evitando a sua repetição no porvir; as virtudes, pelos nossos antepassados praticadas, as quaes deveis perennemente exaltar, não emlouvaminhas estereis, immortalisando-as na mais nobre e util das imitações.

Vereis, em nosso passado, muitas vezes em jogo os mais mesquinhos interesses guiados pela cubiça dos prepotentes, criminosamente auxiliados pelo indifferentismo de muitos, ou pelo servilismo torpe de outros.

Pois é, acima de tudo, esse indifferentismo, e muito principalmente esse servilismo degradante, que deveis para sempre banir, não sò por amor à integridade de nosso brio, como para a segurança do nosso progresso e engrandecimento.

Temos a convicção, muito funda, muito intima, de que assim o fareis.

Agora, quanto ao criterio que nos guiou na confecção deste trabalho, podemos affirmar-vos que foi o mais rigoroso escrupulo no que respeita á verdade.

Na exposição dos acontecimentos, sem paixão ou parcialidade, nunca nos deixamos levar pela opinião ou pelos preconceitos que nos inibissem de fazer a verdade irradiar com todo o esplendor de sua luz purissima, assim como, aqui, a hypothese jamais occupou o logar dos factos; nunca exaltamos virtudes occultando

defeitos, assim como jamais nobilitamos um feito em que uma analyse mais accurada pudesse, ao menos, vislumbra uma pontinha de abjecção.

Ahi está, por certo, o nosso unico merecimento.

Os Auctores

A' guisa de prefacio

O NOSSO PROGRESSO

E' bem verdade que, dada a nossa idade relativamente longa, pouco, bem pouco temos avançado na senda luminosa do progresso.

Assim, feito o cotejo do nosso desenvolvimento material, economico-financeiro e intellectual com o de algumas de nossas co-irmãs—Uberaba e Juiz de Fóra, por exemplo, mais ou menos nossas coévas—vemos que a palma da victoria cabe áquellas, que de nós tão superiormente se destacam.

E são muitas as razões, de ordens varias, que para isso têm concorrido, occasionando o entibiamto de nossa maior prosperidade.

Procuraremos, em primeiro lugar, em nossa propria origem algumas dessas razões.

Oriundos, como de resto a immensa maioria dos brasileiros, do Europeu Meridional, dessa casta de povos herdamos, a par de suas virtudes, todos os seus defeitos de raça: a mesma impressionabilidade explosiva, a mesma tibieza da vontade, a mesma molleza de acção.

São estes os nossos principaes attributos psychicos que, por atavismo ou herança, nos legaram os nossos gloriosos ascendentes, portuguezes em sua grande maioria.

Ora, adiante, no desenrolar dos factos, veremos que, de mancinras diversas, aquellas tres qualidades de nossa alma têm, muito perniciosamente, influido na nossa existencia, creando os maiores tropeços ao nosso engrandecimento.

Veremos como o nosso explosivismo, obscurecendo-nos a razão, nos tem arrastado á pratica de actos inconfessaveis, summamente prejudiciaes aos nossos fóros de civilisação; como a frouxidão de nossa vontade, pouco capaz de reacção, nos tem tornado dobradiços a todos os jugos, submettendo-nos ao imperio até de nossas proprias paixões, muitas vezes postas em relêvo em luctas estereis, sem o mais pequenino idéal; como, finalmente, a nossa fraqueza de acção nos tem amesquinhado como agentes da ordem e do progresso, incapacitando-nos para a lucta pela vida cujo triumpho exige uma acção enérgica, uma vontade forte, um grande equilibrio mental.

Assim, pois, ao nosso explosivismo devemos os diversos conflictos, alguns sangrentos, que se hão ferido em nosso meio, e que uma reflexão mais ponderada

facilmente teria evitado; á nossa frouxidão de vontade attribuímos, com justeza, a nossa submissão ao satrapismo que nos tem infelicitado, tornando-se senhor do nosso destino, impondo-nos a sua vontade em todas as manifestações de nossos direitos politicos e civis e arrastando-nos nas luctas engendradas para a sustentação do seu mandonismo; á nossa molleza de acção, por certo, é que devemos a apathia de nosso espirito que, para não se dar ao trabalho de crear, ou mesmo innovar, se arraigou à rotina, sendo ainda hoje, nas manifestações dos diversos ramos da actividade humana, o mesmo que era ha seculos atraz. E' a ella que devemos a nossa falta de iniciativa, a nossa desidia tão amplamente revelada na nossa completa falta de industrias, no enervamento do nosso commercio, na cultura primévissima e nada intensa do nosso solo.

Ora, grande parte do tempo absorvidos pelos conflictos, pelas luctas desordenadoras a que nos referimos, temos sido, *ipso facto*, distrahidos da lucta pela existencia, geradora primordial do progresso; mergulhados em nossa molleza de acção, como n'um banho tépido, temos descurado do nosso engrandecimento, que requer, para ser real, um trabalho constante, um esforço accurado, longamente persistente.

Oppor-nos-ão, talvez, que Uberaba e Juiz de Fora, que citamos como mui superiores a nós, são, quanto á origem, do nosso mesmissimo estoffo ethnico e contudo estão n'um grao muito mais elevado de prosperidade...

E' que, para isso, concorreram ali, naturalmente, causas extranhas que não nos cabe agora indagar.

O facto é que, sem que corriamos de qualquer forma os nossos defeitos, jamais poderemos ter um verdadeiro progresso.

Uma arvore que se aduba mais bem fructifica; um povo que se cultiva melhores obras produz.

Disso não ha fugir.

Primeira parte

O Triangulo Mineiro

E' o Triangulo Mineiro uma vasta e opulentissima sub-divisão territorial do Estado, cuja configuração lhe determinou a denominação que tem. Conta cerca de 94.500 kilometros quadrados e é, de facto, um triangulo assim constituido: lados e vertice pelo Rio Grande e o Paranyhyba, e a base pelos contrafortes das serras da Canastra e da Matta da Corda. O Araxá fica-lhe, mais ou menos, na base.

Tem o Triangulo uma historia interessante.

Elle foi mineiro, depois goyano e, mais tarde, mineiro outra vez.

Foi uma mulher, uma araxaense, quem motivou a sua reversão a Minas. Sempre a *saia*, quando possui um bello palminho de cara, pesando nos destinos da humanidade...

Presume-se que tenha sido em 1612 que o seu solo uberrimo foi pela vez primeira calcado pelas plantas do homem civilisado.

Foi assim: Don Francisco de Souza, então governador geral das capitães do Espirito Santo, Rio de Janeiro e S. Vicente, obtivera de Philippe II a promessa de adicionar-lhe a essas delegações mais o titulo de administrador das minas que a seus esforços se viessem a descobrir, além da mercê honrosissima de Marquez das Minas, titulo que ja fôra a suprema aspiração de Roberio Dias—o monomaniaco.

Ante promessas tão brilhantes, de tão plenas recompensas o governador preparou-se para a conquista dos nossos sertões, decidido a affrontar, para a consecução de seu fim, todos os perigos que taes empreendimentos offerciam.

Poz-se elle proprio á testa de uma expedição e marchou á busca de ouro e pedrarias.

Não pôde, porém, ir alem da região do Sapucahy, de onde retrocedeu regressando a S. Paulo. E fora, nessa expedição, acompanhado pelo sabio naturalista allemão Glimmer, o primeiro homem que, á sciencia alliando o heroismo, penetrou nos sertões brasileiros sem ter em mira a busca de um thesouro, sendo levado tão somente pelo amor ás observações scientificas Gloria a si.

Entretanto, a 11 de Junho de 1611, morria em S. Paulo, após ter desido ao Sapucahy, o governador aventureiro, cujo nome lembra uma long serie de trabalhos ingentes e alguns serviços, de uma certa relevancia, anteriormente prestados ao Brasil. Morreu sem ter levado avante o seu proposito, que era o descobrimento de tantas minas quantas fossem necessaria para que Philippe de Hespanha o fizesse marquez, conforme lhe promettera...

No entanto, succedia-o no governo seu filho Don Luiz de Souza, a quem Philippe II renovára as promessas feitas ao pae. E o moço governador, tentado principalmente pela promessa do marquezado, jurára envidar os mais altos esforços para a realisação do sonho que tão docemente o embalava—ser elle marquez das minas, já que o pae não o pudera ser.

Por esse tempo, não sabemos porque via, chegara entretanto a S. Paulo a noticia de ricas minas de ouro e prata jacentes nas longinquas paragens, de accesso difficilissimo, que eram os "descobertos dos Guyazes"; e o moço governador, ao ter conhecimento de tal noticia, exultou com o pensamento de que a fortuna lhe deparára, afinal, occasião de alcançar o cubiçado titulo de marquez, uma vez que lhe fosse possivel chegar á conquista das minas alludidas. Para isso aprestou uma bem municida e numerosa expedição

cuja chefia confiou ao valoroso sertanista Antonio Pedroso de Alvarenga, que partiu para os "Guyazes"; por via Araraquara, em fins de 1611. Em começos de 612 os expedicionarios passaram o Rio Grande onde è actualmente o porto Antonio Prado, atravessando o Triangulo Mineiro em toda a linha de sudoeste ao noroeste até encontrarem passagem no Paranahyba, mais ou menos no porto de S. Jeronymo, d'ahi penetrando em Goyaz—a méta da expedição.

Foi, pois, Antonio Pedroso de Alvarenga, quem, embora de passagem, primeiro pisou terras do Triangulo, lá aonde hoje se aninham, cheios de seiva, os futuros municípios de Fructal, Prata e Villa Platina.

Elle nos veio de S. Paulo—berço augustó de uma legião de heroes, que o foram, e da mais rija tẽpera, os intemeratos bandeirantes paulistas, cujas luminosas façanhas entretecem essa magnifica epopèa que foi o desbravamento dos nossos sertões.

Ao passo, no emtanto, que dest'arte se tornára conhecida aquella parte do Triangulo, era, 63 annos depois, em 1675, toda a linha de sudeste ao noroeste, de Araxá a Paracatú, cujo arraial começou, penetrada e delimitada por Lourenço Castanho, vulto insigne na historia da patria mineira, cujo sereno heroismo nunca se desmentiu nos mais terriveis embates com os "Cataguá" ferocissimos, subjugados pela força de suas armas invenciveis. Deixamos de relatar as minucias desta expedição, porque pouco, além do que ficou dito, interessaria ao nosso caso, bastando-nos saber que foi este bravo bandeirante, de gloriosa memoria, o segundo homem civilisado, depois de Alvarenga, que devassou terras do Triangulo Mineiro, já então fallando-nos dos "Araxás".

Entretanto, d'ahi á fundação do arraial do Dezemboque, decano veneravel das povoações "triangulinas", muitos decennios decorreram. Vamos narrar o facto que precedera a sua fundação.

Foi em 1733 que o governador da capitania de Minas, Martinho de Mendonça de Pina e Proença, ordenou a abertura de uma estrada que puzesse em communicação a sua com a capitania de Goyaz, incumbindo dessa me lindrosa empreza a José Alves de Mira, guiado por Miguel Couto.

A referida estrada, partindo do centro de Minas, deveria ser a mais recta possível, seguindo o rumo de oeste até penetrar em Goyaz, isto é,—deveria atravessar o Triangulo em toda a sua extenção, do oriente ao occidente.

Seguindo esta sabia orientação, a commissão constructora venceu, consecutivamente, em sua rota, as serras do Marcello, do Urubù e da Samambaya, vindo ter à serra do Salitre, divisa do sertão dos "Araxás", ramo ferocissimo dos ferocissimos "Cataguá"; d'ahi foi ella obrigada a retroceder, temendo a opposição acirrada que, certo, encontraria entre os "Araxás" que não consentiam a ninguem a passagem por seu territorio. Ahí, pois, mu-

daram os expedicionarios de rumo, seguindo pela direita do Triangulo, em direcção á Sta. Fé, Pilões, Paulistas, etc., até o S. Marcos.

Então, dentre os homens que compunham esta expedição, alguns, em numero mais ou menos elevado, abandonaram os trabalhos da commissão e, separando-se della, volveram para a esquerda, em direcção opposta ao rumo por ella seguido, tendo se constituido em bandeira para se darem ao descobrimento de minas.

Assim, a novel bandeira, caminhando para o sudoeste da Serra da Pratinha, ponto para onde se desmembrára da commissão constructora da estrada, veiu ter ás margens esquerdas do Rio das Abelhas, hoje das Velhas, onde a sua bôa fada lhes deparou, em profusão, ouro em pó e em granulos.

Para se darem á exploração das minas assim descobertas, os venturosos bandeirantes ali definitivamente se installaram, dando começo á fundação de um arraial.

Em 1734, catholicos fervorosos lançaram a primeira pedra para a construcção de uma capella, dando-se à nascente povoação o nome de arraial do Rio das Abelhas, mais tarde mudado para Dezemboque, como adeante veremos.

Sòmente em 1743 deu-se fim á construcção, sendo essa capella o primeiro templo que, em territorio do Triangulo, se erigiu ao grande Deus da luz. Muito pequena, insignificante mesmo quanto ao valor de sua constructura enormemente desharmoniosa, era, comtudo, immensamente grande na sublimidade da fé que á sua edificação presidira.

Estava, pois, creado o primeiro arraial que o Triangulo Mineiro possuiu.

Em 1763, já ostentava elle um certo quê de prosperidade, graças ao advento de algumas familias que, de diversos pontos da capitania, para elle se transferiram. E de Tamandúa (hoje Itapecerica), bispado de Marianna, lhe veiu o padre Gaspar Alves Gondim, que se encarregou da sua freguezia.

Assim, calmamente, se succediam os factos, sem que Goyaz jamais se lembrasse de perturbar Minas na posse do arraial, que legitimamente lhe pertencia.

Em 1765, porém, appareceu no arraial um padre, o rev. Felix José Soares, que veiu mudar a face das cousas.

Intelligente, astucioso e máo, foi esse homem a causa da annexação temporaria do Triangulo Mineiro a Goyaz.

Tinha elle sido preso em Villa Rica, por ordem do Cabido Metropolitano de Mariana, a cujo bispado pertencia e, por esse facto, jurára vingar-se de qualquer forma de seu bispo.

Ora, passando elle a residir no arraial, ali chegando notára que os ga-

rimpeiros mostravam um certo desejo de que o arraial, assim como todo o territorio que d'elle dependia, que era todo o actual Triangulo, fossem incorporados a Goyaz, cujas leis e consequente fiscalisação eram muito mais frouxas que as de Minas, portanto muito menos rigorosas na cobrança e arrecadação do imposto sobre o ouro.

Com esta observação, espirito lucido e muito atilado, viu logo o padre o partido que poderia tirar para levar a effeito a sonhada e affagada vingança contra o bispado de Mariana.

Assim, pondo em campo toda a sua actividade, desenvolveu intensissima propagação contra Minas em toda a area então habitada do Triangulo.

Fez ecco com os descontentes sobre a questão do imposto, e á sua argumentação forte e fluente arregimentou quasi a totalidade dos habitantes do arraial e suas dependencias, contando desde logo com a adhesão franca do povo no sentido de ser o arraial passado para Goyaz.

Isto feito, partiu elle para Goyaz, afim de levar a cabo o seu tentamen e, lá chegando, ponde convencer o governador daquella capitania de que o Arraial do Rio das Abelhas e todos os seus annexos pertenciam de direito a Goyaz, como muito bem se deprehendia do laudo do Dr. Thomaz Rubim de Barros do Rego, arbitro na questão de limites entre as duas capitancias, limites assim estabelecidos em 1743:—"Pela Guarda do Arrependido, seguindo linha recta de norte a sul, á Serra de Lourenço Castanho, d'ahi ao Rio S. Marcos e ao dezemboque, até tocar a capitania de S. Paulo."

Parece certo que a palavra "dezemboque", ahi contida, se refere á dezembocadura do S. Marcos no Parahyba, que—facto extranho!— não vem mencionado no laudo; mas, jamais se poderia referir ao arraial do Rio das Abelhas, pelo facto muito simples de então ainda não ter o arraial aquelle nome, só posteriormente adoptado.

A redacção do laudo, porém, como se vê muito falha, incompleta, ambigua, nimiamente abstrusa, prestou-se admiravelmente aos sophismas do padre e ás suas artimanhas; e, de tal modo elle se houve, que tudo conseguiu.

O governador, como era natural, teve um momento de hesitação; mas, o revmo. recorreu-se ao vigario geral da capitania (Goyaz), cujo apoio moral obteve para reduzir de vez a tibia rezistencia opposta pelo governador, que afinal cedeu de todo ao dizer lhe o padre que, alem de tudo, era vontade do povo do Rio das Abelhas ficar sob a sua jurisdicção.

Uma vez convencido o governador de que, si de facto o arraial não pertencia á sua capitania, era pelo menos vontade do povo que assim o fosse, resolveu-se elle a crear o julgado do Rio das Abelhas e seus annexos incorporando-os a Goyaz, isto é—esbulhando Minas d'aquillo que, de facto e de direito, legitimamente lhe pertencia.

Desta maneira foi, em 1766, publicado o decreto do governador de Goyaz creando o “*juizado dos nossos descobertos*” de Nossa Senhora do Desterro do Rio das Velhas do Dezemboque”.

Dos *nossos descobertos*... Seria descendente do Cid Campeador o então governador de Goyaz? Si o não era, pelo menos parece...

Os goyanos não tiveram a mais pequenina parte em taes descobrimentos e nunca, até então, se haviam de qualquer forma, directa ou indirectamente, immiscuido na vida destas paragens!

Uma vez promulgado o decreto, sem occorrer, como se vio, a minima circumstancia que o legitimasse, ferindo de uma maneira a mais extranha os direitos de Minas, Goyaz fez immediatamente desalojar as autoridades mineiras com jurisdicção no arraial e seus annexos, plantando assim bandeiras no terreno de suas conquistas...

E foi desta forma, rigorosamente exacta apezar das inverosimilhanças que a envolvem, que se deu a usurpação sem que Minas lhe oppuzesse uma resistencia seria, efficaz, como era de seu dever.

Tambem o bispado de Marianna não soube defender efficientemente os seus direitos sobre a região usurpada, na qual exercera por espaço de 25 annos a sua autoridade ecclesiastica. Assim, o vigariado geral de Goyaz, então parte da diocese do Rio de Janeiro, nomeou um vigario seu para ella, incorporando-a definitivamente á sua diocese e não mais permittindo que os padres de Marianna ali celebrassem ou exercessem de qualquer modo o seu ministerio.

E foi o territorio, deste modo extorquido a Minas, annexado pelo governo de Goyaz á “Comarca de Villa Bôa de Goyaz”, recebendo o nome de “Comarca do Novo Sul”. E deste modo foi que o arraial do Rio das Abelhas passou a denominar-se Dezemboque, nome que até hoje conserva; o rio das Abelhas passou a ter o nome de Rio das Velhas, que nunca mais perdeu, e o padre Felix, cumprindo a sua jura, vingou-se do bispado de Marianna, privando-o de uma parcella valiosissima da sua ainda hoje vasta diocese.

Minas, victima innocente envolvida nas malhas de uma vingança a que era alheia, reivindicou mais tarde o seu thesouro, que o é, e dos mais preciosos, esse triangulo uberrimo, maravilha sem par; o bispado de Marianna, porém, menos protegido pelos deuses, perdeu-o para sempre, para nunca mais o reaver.



Reivindicação

São decorridos 48 annos dês da nossa incorporação a Goyaz.

Já o "Sertão dos Araxás", nome generico de toda a area que comprehende o nosso municipio e suas immedições, ia se povoando e ostentando uma ridente, promettedora prosperidade.

Os habitantes do Araxá, já então elevados a julgado, deram nessa occasião os primeiros passos no terreno de nossa reivindicação.

Assim, em 1814, fizeram uma representação á sua Alteza Real, o Principe Regente, fazendo-lhe sentir a arbitrariedade do acto inexplicavel de Goyaz, espoliando Minas de um extenso territorio que legitimamente lhe pertencia, de facto e de direito. E terminavam pedindo, por justiça, a reintegração.

Esta representação, porem, se não foi lançada na classica cesta dos papeis inuteis, pelo menos ficou esquecida na pasta carmesim dos despachos, que nunca se despacham...

Dois annos depois foi que a justiça se fez, obedecendo a uma circumstancia toda fortuita, completamente alheia ao caso.

Em fins de 1815, teve o Araxá—mui leal e heroico, a honra insigne de hospedar o senhor Ouvidor Geral Joaquim Ignacio Silveira Motta, que andava fazendo a correição em todos os julgados de sua jurisdicção. E em Janeiro do anno seguinte, n'uma dessas venustas tardes mineiras, de céu sem nuvens, amenas e claras, achava-se o ouvidor, em companhia dos maiores da terra, tomando a fresca no largo da matriz, cá fora, ao relento. Fazia elle a digestão do jantar opiparo que o povo, eterna victima, pagára. Farto, empinturrado á custa do suor alheio, ouvia, entre meia duzia de bocejos incivis, a prosa insulsa dos que o cercavam.

Quando os ultimos raios do sol enviavam o beijo derradeiro ao cume do Pão de Assucar alteroso, dourando-o, uma amazonas gentilissima, guiando com mestria inexcedivel o seu cavallo branco, appareceu no largo, que atravessou n'uma marcha lenta, indo passar a poucos passos do local occupado pelo Ouvidor e seus aulicos.

Quinze annos tinha e nunca um conjuncto mais perfeito de graça e gentileza se mostrára aos olhares supinamente lubricos do ouvidor embebecido.

Reunia todos os encantos de uma belleza ideal á esplendida primavera de seus quinze annos e, no todo harmonioso das linhas e dos contornos, lembrava as formas divinaes da escrava grega que Paros immortalisou no marmore.

O Araxá guarda, até hoje, a lembrança de sua peregrina formosura, nunca mais por araxaense alguma igualada.

Ao vel-a, sentiu o Ouvidor o alvoroço infrene da carne, elevando-se á altura toda de sua concupiscencia caprina, Despertado o satyro, jurou a si mesmo possuir a beldade que tão violenta paixão n'um momento lhe inspirára. Concebeu, ali mesmo, um plano odioso, cujo fim seria o sacrificio da virgem. A serpente asquerosa, em colleações molles, chegaria ao ninho do colibri gentil...

E Satanaz promptificou-se para immolar o anjo.

Sem perda de um minuto, fez reunir alguns malsins de sua numerosa, principesca comitiva e despachou-os no encalço da inditosa donzella. com ordem expressa de lh'a trazerem mesmo à custa da maior violencia.

Horas depois estava consumado o mais infame, o mais monstruoso dos attentados, pois que ao rapto seguira-se o estupro.

Como se vê, o monstro horrivel nem ao menos procurou os meios de seducção ao seu alcance para vencer a natural resistencia da desventurada moça; agiu sempre, quanto aos meios e quanto ao fim, como verdadeira besta-fera, que de facto era.

Encontraremos mais tarde, na historia do Araxá, a misera victima de sua brutalidade sem nome arrastando uma existencia torpe pelo lódo do lupanar.

A gosma immunda da lesma, tocando-a, polluire para sempre a immacula candura da rosa...

O seu nome? E'-nos vedado dizel-o.

No dia seguinte, já divulgado por todos os recantos do povoado, era o odioso, vil attentado o assumpto unico de todas as conversas, tendo causado, como era natural, a mais viva indignação no seio de toda a população, assim estupidamente ultrajada na pessoa do mais mimco dos seus rebentos.

Emtanto, tal era o respeito mesclado de terror que uma autoridade inspirava n'aquelles tempos, que nenhuma voz, nem mesmo da família da victima, se ergueu clamando por um desforço pessoal, immediato; todos pediam e queriam justiça, mas que esta viesse de Sua Magestade, no caso representada pelo governador da Capitania... Não ha duvida que era essa a mais prudente e a menos perigosa de todas as soluções. De resto um senhor Ouvidor, que participava o seu tanto da pessoa de El-Rei, como este, devia ser sagrado, e não era para ali nenhum negro que se queimava a fogo lento, ou submettia-se a outro suplicio qualquer, talvez mais horrivel ainda, porque o desventurado olhára de esguêlha para o senhor...

Reunidos em conciliabulo, os maioraes do logar deliberaram mandar um mensageiro á séde da capitania, pedindo ao governador a necessaria puni-

ção de tão monstruoso delicto.

Emquanto, porém, esse mensageiro seguia para Goyaz, mais ou menos duas centenas de leguas distante, o Ouvidor, que disso tivera sciencia, fez seguir outro para o Rio de Janeiro, com marchas muito mais céleres, afim de impetrar do Principe Regente a reintegração do Triangulo a Minas.

Gosava o Ouvidor de real prestigio em toda a esphera governamental, onde, além do bem-querer pessoal do Principe, contava ainda com dedicados e valiosos amigos. De modo que o seu partido, aliás anterior e indirectamente apoiado pela representação do povo de Araxá, a que já nos referimos, foi immediatamente satisfeito, tendo sido, pelo já então D. João VI e por alvará de 4 de Abril de 1816, restabelecidas as divisas entre as duas Capitánias, divisas que até hoje prevalecem e, esperamos, prevalecerão sempre.

Qual, porém, foi a causa determinante desse acto do Ouvidor? Que especie de correlação, proxima ou afastada, poderia existir entre tudo isso e o melindroso caso em que elle se metterá?

Muito simples.

Era o Ouvidor adversario politico do governador de Goyaz e até seu desaffeiçãoado pessoal; de sorte que lhe convinha fugir á sua jurisdicção, pois era natural que o governador se aproveitasse do ensejo, que o delicto do Ouvidor lhe proporcionava, para exercer contra este, envolvendo-o nas dobras de uma falsa justiça, uma vindicta tremenda. Mas, o Alvará de 4 de Abril annulo-lhe a provel pretensão, furtando o Ouvidor á sua alçada.

Eis ahi, em traços ligeiros com pallidas cores delineados, os principaes episodios que precederam á formação da vida do Triangulo Mineiro, estrellá de primeira grandeza nessa bellissima constellação que é a grandiosa terra de Tiradentes.

Segunda parte

O "Sertão dos Araxás"

Ramo partido do grande tronco dos ferozes "Cataguá", os "Araxás", não menos ferozes, se installaram, dès dos tempos immemoriaes, entre os rios Quebr'Anzol e das Velhas, aquem da Serra da Pratinha. E o terreno por elles occupado, numa área de alguns milhares de kilometros quadrados, foi sempre conhecido, desde que passou ao dominio da historia, por "Sertão dos Araxás", dominado ao sul pela serra do mesmo nome. São innumerous os documentos, da mais veneranda antiguidade que nol-o dizem.

De um clima dulcissimo, onde se desconheciam, como ainda hoje se desconhecem, as endemias que desolavam e desolam outras regiões do paiz,

possuindo mattas opulentíssimas, de feracidade inexcedível, muito ricas em caças de varias especies, tendo os mais pingues campos naturaes, appropriadíssimos para a criação de bovinos e cavallares, era o alludido "sertão" o fructo da mais ardente cubiça de todos aquelles que delle tinham noticias.

Mas, como a "Ilha encantada" da lenda, era inatingivel, porque o defendiam tantos "dragões" quantos eram os "Araxás" invenciveis.

E, para ainda mais difficultar a conquista do novo eden, outro obstaculo não menos insuperavel, lá para os lados do oriente se antolhava.

O quilombo do Ambrosio, que conquistou uma tão triste celebridade na historia destas paragens, lá se erguia, a 4 leguas de S. Pedro de Alcântara, como um posto avançado dos indios, para vedar aos intrusos a entrada do afamado "sertão".

Até 1675, sómente Lourenço Castanio, vencedor glorioso dos "Cataguá". lograra pisar terras da abscondita região, mas de passagem, sem tentar o seu reconhecimento, como vimos na parte referente ao Triangulo.

E mais de meio seculo após, em 1733, a commissão incumbida da abertura da estrada para Goyaz, como tambem já o dissemos, era coagida a mudar de rumo, retrocedendo da Serra da Pratinha, medrosa de penetrar o terreno dos "Araxás", cujo encontro a atterrorisava.

Foi somente em 1766 que se deu a definitiva conquista da "Ilha encantada".

Urgia o desbaratamento dos "Araxás" invictos, assim como do temido e pernicioso quilombo do Ambrosio.

Dest'arte, por ordem do governador da capitania, um pouquinho antes da nossa annexação a Goyaz, o seu ajudante de campo—regente, Ignacio Corrêa Pamplona, marchou contra os negros e os indios, cabendo lhe a mais completa victoria—nessa empreza.

Tendo em primeiro lugar atacado o quilombo, que se compunha de 200 homens, matou 80 e aprisionou os restantes, incorporando-os ás forças de seu commando, assim consideravelmente augmentadas. Partiu, em seguida, a dar combate aos "Araxás", que, depois da mais heroica resistencia, estando já quasi completamente dizimados, abandonaram para sempre o berço querido de seus avós e de seus filhos e que era, havia seculos, o ninho ditoso de seus amores.

A brilhante façanha do valente Pamplona abrira assim, de par em par, as entradas do "sertão dos Araxás" á corrente immigratoria dos civilisados, que para ali logo affluiram.

E até hoje ainda se encontram, principalmente nas immedições do "Barreiro" e nas adjacencias da "Serra dos Araxás"—hoje do "Monte Alto" e da "Bocaina"—vestigios certos da longuissima permanencia, nesses paragens,

da extincta tribo que ali abandonou armas, instrumentos de trabalho e diversos utensilios de uso domestico. Alem disso, muitos tumulos tambem, como prova mais concludente, de passo a passo ali se acham.

* * * O QUILOMBO DO AMBROSIO

Além, pouco além das divisas orientaes do "sertão dos Araxás", nas proximidades de S. Pedro de Alcantara, foi que fundou Ambrosio o seu quilombo. Tem elle, como aliás todos os quilombos, a sua historia triste e o seu tanto de execravel. Triste nas causas que determinaram a sua fundação, execravel na continuação de sua existencia cheia de crimes e crueldades.

Ambrosio, fugindo á sanha feroz de um senhor perverso, veiu homisiar-se ali, entre Palestina e Samambaia.

Dahi por deante, todos os desgraçados captivos, até de paragens longinquas, que logravam furtar-se á vida de tormentos sem nome, de soffrimentos atrozes a que os sugeitavam os senhores sem entranhas, desalmados, para ali tambem se iam acoutar, deixando-se estar sob a protecção e mando do negro Ambrosio.

Das minas de Villa Rica e S. João d'El-Rey, principalmente, vieram os seus maiores contingentes.

Assim aggremiados, em pouco tempo elevados ao numero de 200, começaram de entregar-se á pilhagem, que exerciam em toda uma bem vasta zona.

De instincto feroz e máo não recuavam nem mesmo deante do assassinato e assim commettiam toda sorte de depredações.

Constituiram elles, de parceria com os "Araxás", o maior, o mais serio embaraço ás primeiras explorações do nosso torrão, como já o dissemos.

Daços ao latrocinio, aos assaltos á mão armada, derramavam em torno de si um terror panico, de maneira que ninguem se abalançava a passar pelas suas proximidades a não ser algum vaqueiro que, andando em busca da rez sumida, ao quilombo ia pedir noticias.

E è dahi que nasceu a lenda, aliás esmagada ao peso de enorme anachronismo, que fez nos ter vindo desse quilombo a nossa denominação de Araxá, que se fez de *are achá*. adulteração de ha de achar.

Eis a lenda.

"Eram os quilombolas perfeitos conhecedores dos sertões que cercavam o seu quilombo e, consequentemente, de todos os escondedouros do gado que das fazendas vizinhas tresmalhava; de modo que o campeiro, que andasse á procura da rez fugida ao aprisco, lá ia ao quilombo pedir informações e Ambrosio, em sua meia linguagem tartamudeada, lhe dizia apen-

tando na direcção dos "Araxás" :

—Lá, nhô moço, lá are-achá..."

Muito antes, porém, de existir o quilombo já era conhecida a existencia do "sertão dos Araxás" e Ambrosio, com elles confinando, melhor que ninguem disso sabia. Aqui, pois, o prochronismo da lenda.

É verdade que não nos foi possível averiguar com precisão a epocha exacta da fundação do quilombo ; mas, sabemos que é muito posterior, pelo menos em meio seculo, á expedição Lourenço Castanho, que, em 1675, já nos falava dos "Araxás".

Deduz se, pois, do exposto que a lenda inverteu os casos, por isso que foi de "Araxás" que Ambrosio fez *are-achá* e não vice-versa. Isto é logico.

Deu-se como se vê, o effeito pela causa.

Ambrosio com o seu *are-achá*, queria significar que o animal foragido se encontrava nos "Araxás" e não como erroneamente se interpretou, que lá o haviam de achar, o que equivalia a dizer que se perdera para sempre, porque vaqueiro algum, por mais destemido que fosse, jamais se animaria a ir lá busca-lo...

II PRIMEIRAS EXPLORAÇÕES

Dadas a extinção da tribu dos "Araxás" e a dispersão do quilombo do Ambrosio, deram-se tambem os primeiros passos para o reconhecimento do famoso sertão cujo accesso, como vimos, fôra até então quasi impossivel.

Desta forma, alguns habitantes do Dezemboque—já então sobre o dominio de Goyaz—se prepararam n'uma pequena expedição e marcharam para levarem a effeito o referido reconhecimento, ao mesmo tempo que se propunham, aproveitando o ensejo, procurar a estrada, alem da serra do Salitre, que o governador de Minas mandara abrir para Goyaz conforme vimos na primeira parte deste humilde trabalho. Eram cinco os excursionistas, cujos nomes se encontram na parte segunda deste capitulo.

E, partindo do Dezemboque em 1770, os expedicionarios, seguindo sempre para o noroeste, vieram ter á "Serra dos Araxás", no ponto hoje conhecido por "Serra da Bocaina", a qual alcantilada e abrupta, lhes occorreu inopinadamente a avançada. Ao fim, porém, de algum tempo de penoso trabalho, conseguiram transpor a penhascosa montanha, a cujo sopé se estendia, magestosa e bella, a opulentissima matta depois chamada do "Barreiro".

Chegados á orla da pomposa floresta, a mais esplendorosa, talvez, que seus olhos jamais viram, os excursionistas ahi fizeram rancho, repousando á sombra fresca de suas arvores seculares, cobrando, no descanso, alento

para depois irem avante.

Refeitas as suas forças no repouso de algumas horas—argonautas de nova especie—começaram de enveredar-se por aquelle glauco oceano de verduras, que se diria intermino e que nunca fôra por pés de homens civilisados trilhado.

Cautelosos, receiando ainda o encontro com algum “Araxá” que por ventura ali se tivesse deixado ficar a guardar o tumulo de seus paes, os expedicionarios avançavam lentamente, medrosamente, acordando em sua passagem os ecos adormecidos de mil vozes extranhas...

E assim, guiados pelos carreiros dos animaes de especies varias que povoavam a matta, foram se internando, caminhando para o oriente e vencendo mil difficuldades que a cada passo se lhes antolhavam.

A tarde, ao fim de uma marcha trabalhosissima que os extenuára, sempre guiados pelos carreiros dos animaes, foram dar a uma clareira que se abria no amago daquelle immenso massiço de verduras, calreira de forma arredondada e que circundava uma grande área de chão rochoso, rochas enormes e de cujas fendas, nos pontos de junção, jorrava abundante, aos borbotões, uma lymphá pura, limpida, crystalliná. Sedentos, atiraram-se vorazes à agua fresca e, nas conchas das mãos, sorveram o primeiro trago, grande, farto...

A agua, porém, cheirava a polvora queimada e sabia a enxofre, sendo assim do mais ingrato sabor, insuportavel ao paladar.

Regosijaram-se os excursionistas com a preciosa descoberta, desde logo percebendo que não se tratava de uma agua commum e, embora sem conhecerem a sua verdadeira natureza, classificaram-n'a de “virtuosa”.

E de mais, porque toda a riquissima fauna da matta, sem distincção de especie, ali ia beber, d'ahi se deprehendia que eram os animaes a isto levados pelo instincto, que lhes revelava conterem as aguas alguma cousa de medicinal.

Muito bem dest'arte conjecturando, colheram os excursionistas uma certa porção das “aguas virtuosas”, a cujas fontes chamavam de “Barreiro” e, depois de haverem se abastecido abundantemente de diferentes caças, ali existentes n'uma profusão inaudita, continuaram em suas explorações tomando rumo norte, até encontrarem a picada ou estrada que levava a Goyaz. E deste modo se descobriram as nossas aguas mineraes.

Entretanto, pouco tempo após, era a noticia do descobrimento das aguas divulgada aos quatro ventos e, do oeste da capitania de minas, principalmente, começaram de affluir os primeiros habitantes do “sertão dos Araxás”, a cuja antiga fama de bons ares e inexcedivel fertilidade de terreno vinha ainda alliar-se a vantagem de suas aguas, já então reconhecidas como muito ricas em “saes” e, consequentemente, excellenté para a criação e

engorda de qualquer especie de gado, dispensando o seu uso a dispendiosa salga bi-annual.

* * *

Povoamento

Datam, pois, de 1770 a 1771 os prodromos de nosso povoamento e da fundação do Araxá.

E foi de Tamanduá—actualmente Itapeçerica—de Oliveira e S. João de El-Rei, que nos veiu a maioria dos nossos fundadores.

Assim, já em 1780 o antigo “sertão dos Araxás” contava, disseminados por diversos pontos de seu seio fecundissimo, inumeras fazendas de criação, cada uma dellas já possuindo grande numero de gado vaccum.

Esses primeiros adventicios, porém, que se iam apossando a torto e a direito dos terrenos que muito bem lhes pareciam, não cuidaram desde logo de legalisar, pelos meios então de direito, a sua posse assim toda duvidosa.

Foi somente em 1782 que disto se cogitou. Dest’arte, em 27 de setembro desse anno, André Carvalho de Mattos, Francisco Gonçalves Pacheco, Antonio Pereira Dias e Martinho Monteiro Ribeiro requeriam ao Governador da capitania (Goyaz) se servisse mandar proceder á demarcação de uma sesmaria para lhes ser doada. E pediam que na demarcação da referida sesmaria o marco peão partisse do local das fontes, acto de grande justiça, por isso que eram os signatarios os seus descobridores.

Assim, tres annos depois, em 27 de Agosto de 1785, foi ordenada a demarcação pedida e assignada a carta da sesmaria, que media 2 leguas de comprimento sobre uma de largura, começando o marco peão, não no local pedido, mas na “bocca da matta”. E foi esta a primeira sesmaria em territorio dos “Araxás” demarcada, isto é—o primeiro terreno legalmente apossado, seguindo-se-lhe successivamente muitas outras.

Aos cinco nomes acima, dentre os nossos primeiros povoadores, podemos citar ainda, como troncos da hodierna geração araxaense, os nomes que se seguem e que nos foram fornecidos pelo studoso José Januario de Menezes, o mais popular dos nossos macrobios fallecidos e que foi um repositório vivo das nossas mais caras tradições:—Antonio Joaquim de Avila, Joaquim Gomes de Menezes, Antonio de Araujo Barbosa, Cel. Antonio Ribeiro da Silva, Antonio Machado de Moraes, Gaspar Antonio de Lemos, Antonio José de Araujo e Souza, Major Antonio da Costa Pereira, Sotero Ribeiro Rosa, Francisco Albino de Paiva, Simão Ferreira de Figueiredo, João da Costa Pereira, Jacyntho Manoel Teixeira e os dous irmãos João e Alexandre Gondim. E muitos d’entre estes, apparecendo em epochas differentes são vultos verdadeiramente historicos na chroni-historia da nossa terra, a

cujos principaes acontecimentos seus nomes honrados se acham intimamente ligados. Pode-se dizer que foi a sombra de seus troncos vigorosos, ou ao calor fecundante de suas vontades fortes, como uma excepção á molleza dos de nossa raça que germinou a sementé da qual brotou o Araxá de hoje.

III Primeira missa

Foi ao relento, sob a abobada sempre azul de nosso céo incomparavel. Toda a natureza sorria, desabrochada no esplendor daquella manhan rutila e fresca, cheia de brisas e de luz. Dir-se-ia que a natura se engalanara, ostentando o firmamento um azul ainda mais puro, as arvores vizinhas um verde ainda mais bello, os campos circumjacentes um verdor ainda mais vivo, tudo de mistura com os gorgeios maviosos da passarada alacre e impregnado o ambiente do perfume doce das boninas mimosas... Sim, engalanára-se a natura, assim garridamente ataviada com a sua "toilette" mais bella, para communicar á cerimonia, já de si tão solemne, uma solemnidade mais empolgante ainda...

Erguia-se o altar á sombra protectora de um annoso ipé em flor. Adornavam-n'o pomposamente fartos festões de ramagens e flores naturaes, cuja viva polychromia muito bem se coadunava com a alvura immaculada da toalha de linho, bordada a mão, que o revestia.

E' que se ia celebrar, pela vez primeira, o santo sacrificio da missa no antigo "Sertão dos Araxás". E celebrou-o, nessa manhan de 1788, o padre Antonio Alves Machado, vigario do Dezemboque, que foi ouvido por uma grande multidão de fieis, cujas almas simples ainda abrigavam essa fé viva sublime, que foi apanagio dos nossos antepassados, mas que os tempos hodiernos vão embotando na geração quo passa.

Após a cerimonia, o padre declarou a todos os assistentes que tomava posse daquelle territorio para o vigariado geral de Goyaz, diocese do Rio de Janeiro.

* * * Creação da freguezia

Tres annos depois, no dia 20 de outubro de 1791, era creada a freguezia com o nome de S. Domingos do Araxá, sendo nomeado para reger-a o padre Domingos da Costa Pereira.

O edital da criação vem assignado pelo revmo. José Corrêa Leitão, vigario geral da capitania de Goyaz. Mas, o então vigario de Bambuhy, da diocese de Marianna, não estando pelos autos quanto á jurisdicção exercida pelo vigariado de Goyaz sobre a nova parochia, começou a invadil-a,

nella exercendo todos os actos sacerdotaes. Deste facto, como era natural, resultou um serio conflicto de jurisdicção entre elle e o vigario nomeado pelo vigariado geral de Goyaz, permanecendo por quatro annos essa pen-dencia religiosa.

Afinal, em 20 de abril de 1795, o vigario geral de Goyaz fez publicar uma ratificação da creação da freguezia, provando o seu direito sobre o terreno letigioso; e, desde então, cessou o conflicto, entrando o padre Pereira na posse calma do pomo da discórdia.

Damos em seguida, a titulo de curiosidade, o edital da ratificação:

«José Corrêa Leitão, presbytero secular, conego na santa igreja cathedral da cidade do Rio de Janeiro, visitador e vigario geral desta capitania de Goyaz, nella juiz apostolico e sub-delegado para as dispensas nos impedimentos do matrimonio, vigario da vara e igreja desta comarca de Nossa Senhora do Rosario de Meia Ponte e juiz dos casamentos, justificações e residuos, pelo exmo. e revmo. senhor Don José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco, bispo do Rio de Janeiro, do conselho de S. Magestade Fidelissima, que Deus guarde, etc.: Aos que o presente edital de ratificação de creação de freguezia e da vara nos sertões dos Araxás virem, saude e paz em Nosso Senhor Jesus Christo, que é de todos verdadeiro Remedio, Luz e Salvação. Faço saber que, tendo-se descoberto os ditos sertões, para os quaes concorrem novos colonos desta como da capitania dos Geraes, e tendo informações veridicas de estarem nos limites desta capitania de Goyaz, na parte que respeita ao bispado do Rio de Janeiro, precedendo a posse necessaria que por este mesmo bispado fiz tomar pela pessoa do revmo. Antonio Alves Machado, vigario da vara e freguezia de Nossa Senhora do Desterro do Dezemboque, que de ordem e commissão minhas passou aos referidos sertões a celebrar o santo sacrificio da missa e fazer outras funcções ecclesiasticas para ainda mais fundar os direitos da posse e jurisdicção d'aquelles sertões, o que com effeito, em virtude da dita minha ordem e concessão, se deu, tendo o referido meu commissionedo nos relatados sertões primeiro que algum outro sacerdote de outro bispado celebrado perante muitas pessoas, não só das que o acompanhavam como das que residiam no territorio, assim ficou alli constituida a nossa jurisdicção ecclesiastica, sem que ninguem a isso se oppuzesse, como fui informado até por certidão jurada do mesmo reverendissimo Antonio Alves; depois do que, em virtude das faculdades illimitadas que tenho de sua exca. revma. para nesta capitania, na parte que respeita ao bispado do Rio de Janeiro, determinar providencias que o mesmo exmo. senhor determinaria si estivesse presente, mandei erigir a nova vara e freguezia com o titulo de S. Domingos do Araxá, por edital meu do teor e forma seguinte,“ etc.. Segue-se a transcripção do edital alludido, de 20 de outubro de 1791,

que não extractamos por nos não interessar. E continûa o edital da ratificação, no qual, sempre com as mesmas periphrases e no mesmissimo estylo abstruso, o "presbytero secular, illustre e muito digno conego da cathedral do Rio de Janeiro", prosegue em sua argumentação tendente a provar o direito que lhe cabia sobre a posse da nova parochia, posse perturbada pelo vigario de Bambuhy, indelicadamente tachado «intrõmettido, infractor, usurpador,» etc.. E conclue aconselhando ao seu vigario, o padre Domingos da Costa Pereira, que se recorresse ao "commandante dos ditos sertões pedindo-lhe, para sua garantia, o auxilio do braço secular, na conformidade das providencias tomadas pelo illmo. excmo. general da capitania..."

Deante disto, o vigario de Bambuhy—o intruso—metteu-se nas encolhas, cessando de vez o conflicto de jurisdicção.

E ficou creada a freguezia do Araxá.

IV

Construcção da actual Matriz

Uma vez de dosse da nova freguezia, o vigario Domingos Pereira, em começos de 1796, deu os primeiros passos para a construcção de uma igreja. E, para a escolha do local em que elle se deveria erigir, occorreram circumstancia interessantes que vamos narrar, taes quaes nol-as contou o velho José Januario, já citado.

"Lembrada, ou mesmo exigida pelo vigario, a construcção da igreja, os dous irmãos João e Alexandre Gondim, ambos muito abastados, possuidores ambos de vastos latifundios nas terras dos Araxás, tomaram a si a obrigação de erigir a capella.

Uma difficuldade, entretanto, surgia: a escolha do local, sobre o que os dous irmãos fortemente divergiam.

Aquelle primeiro opinava pelo sopè do *Pão de Assucar*, cuja elevada altitude e bellissimo aspecto topographico muito e muito o attrahiam; oppunha-lhe o segundo que aquelle local não servia pela sua absoluta carencia d'agua, preferindo, por isso, o logar onde hoje se localisa a nossa matriz, por ser esse terreno banhado por tres corregos e prestar se admiravelmente para a edificacção de uma cidade. Ambos soberanamente teimosos, inabalaveis ambos em suas opinões, nenhum cedia ao outro, sendo impossivel até a sombra da sombra de um accordo entre elles.

Dest'arte, já cheios de rancor um contra o outro, já inimigos figadaes por essa causa tão futil, pueril, cada um começou, por conta propria, a construcção no logar de sua eleição. Assim, João Gondim chegou a erguer os esteios e a construir os alicerces que ainda existem, já em ruinas, nas fraldas do *Pão de Assucar*, ficando esse local conhecido, como até hoje o é,

por “capella velha”, embora esta não se tivesse concluído. No entanto, Alexandre Gondim providenciava sobre a edificação no sitio que escolheira, para isso tendo mandado vir a madeira necessaria. Quando, porém, os carros que conduziam esta madeira se approximavam do local da construcção, já na passagem do corrego de Sta. Rita, foram embargados por João Gondim que, acercando-se do irmão, um dos conductores dos carros, com elle travou azêda discussão, logo degenerada em seria altercação.

João estava disposto a tudo para impedir que a construcção se fizesse no sitio preferido pelo irmão, e este resolvido a levar-a a effeito, fosse pelo que fosse.

Já assumira a disputa um character grave, quasi revalando para um conflicto sangrento, quando João, como ultimo e decisivo argumento, declarou ao irmão que, seu socio, com igual direito, na posse e dominio daquelle terreno, negava o seu consento para que nelle se erigisse a igreja.

Alexandre, porém, não se desconcertou e propoz a compra da parte do irmão. Este acquiesceu na venda, mas pediu um preço exorbitante, fabuloso para aquella epoca—200\$000. Alexandre accitou-o, fechando-se ali mesmo o negocio, mas com a condição do irmão não concluir a construcção da igreja do *Pão de Assucar*, que começara.»

E tudo se harmonizou.

Isto feito, Alexandre fez immediatamente a doação do terreno para o patrimonio; tendo-se, porem, perdido esse primitivo documento, houve mister de sua ratificação, que foi feita em 24 de Janeiro de 1824, por escriptura publica, pela já então viuva de Alexandre—D. Anna Maria de Jesus.

Em 1800 terminava-se a construcção da igreja, a primeira que o Araxá possuiu e que é ainda nos tempos actuaes a rossa matriz. E a sua edificação effectuou decisivamente a nossa fundação, para a qual, como vimos, efficazmente concorreu Alexandre Gondim, cujo nome até hoje ignorado pela maioria dos araxaenses, deverá ser perpetuado nas paginas aureas de nossa historia.

Antes disso, porém, já devia elle estar pelo menos ligado à nomenclatura de nossas ruas ou praças, á falta de um monumento; mas as nossas edilidades muito collendas, passadas e presente, têm preferido outros nomes—menos merecedores dessa singela homenagem de um povo aos seus mais conspicuos cidadãos, não ha duvida, mas que é preciso agradar e lisongear, porque ha sempre eleições nesse maldicto systema que ás vitalicidades fez substituir o voto livre...

De resto, não podem os mortos corresponder ás gentilezas dos vivos e isso de sermos desinteressados em nossos actos é parvo, é pulha!

* * *

EGREJA DE S. SEBASTIÃO

A' construcção da matriz seguiu-se, com pequeno intervallo, a da igreja de S. Sebastião, em 1804.

Fundou-a José Pereira Bomjardim, catholico convicto, da mais profunda crença.

Grande proprietario, muito opulento, fêl-a a custa propria, de modo que somente a si, à sua rara munificencia, deve o Araxá a posse deste templo. Tenha, pois, o seu nome um lugar do mais justo destaque na lista de ouro dos nossos benemeritos.

Morto em 1849, octogenario, repousa á entrada da igreja que fundou, conforme pedira em suas ultimas disposições; e, com este acto, preferiãdo a campa humillada ao sarcophago luxuoso, que pudera ter, quiz elle dar um exemplo de sua humildade christã, de sua submissão aos sublimes ensinamentos do doce Nazareno.—Facto digno de nota, é que todas as imagens que esta igreja possui, que são muitas, em Araxá, e por um araxense, foram esculpidas.

São trabalho de Bento Antonio, artista anonymo que se fez por si, sem jamais ter conhecido uma escola.

Emtanto, si não são ellas um primor de arte, si lhes fallece essa perfeição ideal que é cunho do genio, pelo menos são bastante perfeitas para affirmarem o talento incontestavel do seu obscuro esculptor, revelando-nos que elle, como o celebre "Aleijadinho", foi um artista nato, creando com a expontaneidade propria dessa aptidão especial dos privilegiados, aptidão que todos reconhecem mas que ninguem sabe explicar, e da qual a arte brota com a mesma naturalidade, com a mesma voluntariedade com que do sol se irradia a luz, da luz se desprende o calor e do calor surge a vida . . .

* * *

OS PADRES DA TERRA SANTA

Augmentava de dia a dia, n'um crescendo muito animador, a população da novel freguezia.

Um sinão, porem, uma falha, uma triste, lastimavel lacuna, se faziam sentir: a falta de uma escola—esse laboratorio onde se preparam os deliciosos confeitos do espirito, que se fazem de raios de luz . . .

E, para remediar-se o mal, foram convidadõs alguns padres da Terra Santa para virem residir na nova parochia, ahí fundando um collegio.

Acquiesceram os bons dos padres, mas de baixo da condição—aliás muito razoavel—de se lhes dar uma casa ao mesmo tempo adaptada para o collegio e para a sua moradia.

Tratou-se, pois, de construir um predio que, mais ou menos, encerrasse os requisitos necessarios ás funcções a que se destinava.

E em 1810, tendo sido levada a effeito com o producto d'uma subscrição popular, terminava-se a construcção que é a nossa actual, santa casa, geralmente conhecida por "hospicio" como de facto hoje o é.

Fieis á palavra dada, vieram os padres e crearam: o collegio, o primeiro estabelecimento de ensino que nestas paragens se installou.

Pena foi, porem, e grande pena, que tivesse elle tão ephemera duração, confirmando-se mais uma vez, de resto como sempre, a grande verdade de sabio brocardo que affirma: "o que é bom dura pouco".

Teve elle a duração de alguns lustros apenas; todavia prestou inesciveis cerviços á causa santa da instrucção, embora em nossos meios, n'aquelles bellos tempos, ella fosse pouco alem do abecê . . .

V

CREAÇÃO DO JULGADO

Dada, como relatamos, a auspiciosa prosperidade da freguezia, os seus habitantes, já em numero consideravelmente elevado deram se á justa aspiração de a vêrem exaltada á cathegoria de julgado.

Neste muito louvavel proposito fizeram, em principios de 1811, uma representação ao governador da capitania, pedindo lhe satisfizesse este seu "tão ardente desejo".

Immediatamente attendidos, deu-se a criação no dia 20 de dezembro do mesmo anno, conservando o novo julgado o nome de S. Domingos do Araxá, nome que lhe conferira o vigario geral de Goyaz quando lhe creara a freguezia.

E desde então perdeu elle, para sempre, a designação pluralisada de "Araxás", nome da tribu que por tantos seculos o dominara.

*
* * *

A R A X Á

Muito e muito se ha dito e escripto sobre a origem do nosso nome e sobre a etymologia desta palavra, de uma consonancia tão bella.

Muito de substancioso então se disse e se escreveu, assim como muito de ôco e de solemmissimas asneiras tambem... Haja vista, por exemplo, á

lenda que atraz reproduzimos.

Quanto á origem, á razão do nome, crêmos que se acha este ponto perfeitamente elucidado, não cabendo duvida possivel de que nos tenha elle vindo da tribu do mesmo nome, como plenamente provamos, E, no que concerne á lenda, que tão grande cavallo de batalha ha feito do celebre "are-achá" dos negros quilombolas, julgamol-a ja fora de combate, destruida a sua razão de ser, conforme deixamos dito quando tratamos do quilombo do Ambrosio, de execranda memoria.

No referente á etymologia, todos os nossos mais abalisados cultores do tupi-guarani são accordes, sem a mais pequenina discrepancia, em dizer que significa logar onde o sol nasce, oriente, e, por extensão, planalto, chapadão. Lafayette de Toledo, fulgurante intelligencia de que o Araxá foi berço, apoiado nas mais acatadas autoridades, que cita, diz mais ou menos isto: "A palavra Araxá é tupi-guarani. Vem das duas raizes Ara—dia, e chá—ver: ver o dia. Da-se o nome de Araxá á região mais alta de um systema qualquer, como sendo a primeira e ultima ferida pelos raios do sol, ou a que por excellencia vê o dia. Designa o nascente e, por ampliação, se applica a plateau."

E eis explicado o harmonioso trisyllabo, que tão bem condiz com o panorama encantador que nos offerece a nossa natureza incomparavel, sempre desabrochada n'um eterno abril...

TERCEIRA PARTE

AS AGUAS MINERAES

Crescia, crescia sempre o numero dos nossos povoadores cujas grandes propriedades agrarias regorgitavam de gado, principal fonte de riqueza do nosso torrão amado. E para essa sorridente prosperidade, para esse auspicioso desenvolvimento da nossa pecuaria, concorriam muito as "aguas mineraes", a cujas fontes, em levas enormes, conduziam os fazendeiros, periodicamente, os seus gados a beber.

O uso das aguas dispensava, substituindo-o até com vantagem, o sal, n'aquelles tempos carissimo em todo o interior, attentas a difficuldade e o extraordinario dispendio de seu transporte.

De tal forma era o Araxá, não só pelas aguas como pela excellencia de seus campos naturaes, a região ideal para a criação.

E era já tamanha a concorrência dos criadores que ás fontes levavam os seus gados, mesmo aquelles que mais distante demoravam, que se tornou mister um accordo entre elles, accordo que determinava um dado dia do mez para cada um, dest'arte evitando, como até então acontecera, que no

local das fontes se encontrassem dois ou mais, do que sempre resultava uma grande confusão e mistura de gado e, não raro, amargas pendencias entre os seus conductores.

Foi o accordo alludido, em juizo assentado, subscripto por 29 grandes criadores, trazendo a data de 26 de junho de 1814.

Ora, pelo numero dos accordantes, afora os pequenos fazendeiros que entre aquelles não foram contemplados, vê-se bem que, já n'aquella epoca remota, era muito promissora a industria pastoril em nossa terra.

Entretanto, do exposto resalta, logo á primeira vista, que eram ainda então desconhecidas as maravilhosas qualidades medicinaes das nossas aguas, as suas latas applicações therapeuticas.

Conhecidas por "aguas virtuosas", ainda assim ninguem dellas nos fala, até a epoca de que nos occupamos, como sendo medicamentosas, sendo aproveitadas apenas para a "salitração"—como se dizia—dos brutos que se queriam nedios...

Algum tempo depois, porem, um sabio estrangeiro, estudando-as, revelava ao mundo as suas preciosas e raras composições medicinaes ensinando aos araxaenses que ellas tinham uma applicação muito mais util, muito mais nobre do que a simples "salitração" de bovinos ou cavallares...

* * *

PRIMEIROS ESTUDOS

Foi em 1816 que elles se fizeram. E foi o barão de Eschwege, naturalista de muita nomeada, quem os realisou.

Não foram, porém, completos estes estudos, não por falta de proficiencia de quem os fez, mas de meios apropriados para accural-os mais. Em todo o caso, embora incompletos, foram elles as primicias da propaganda que, dentro do paiz e no estrangeiro, logo se lhes seguiu, tornando as nossas aguas conhecidas aquem e alem mar.

Em carta dirigida ao Conde da Barca, então ministro das colonias de Portugal, dava-lhe o grande scientistista parte dos estudos effectuados, exaltando, com o mais sincero enthusiasmo, as virtudes inestimaveis dessa lymphá santa, alvitando a sua ampla applicação no tratamento de molestias varias. E desde então, graças a Eschwege, tornaram-se as nossas aguas conhecidas nessa velha Europa tão sabia.

Ao barão seguiu-se em 1817, frei Leandro do Sacramento, frade de saber muito vasto e em quem a constante leitura do breviario não distraia os conhecimentos da chimica, que os tinha e muito profundos; e logo depois do frade scientistista veio o Dr. May, de conhecimentos não menos pro-

fundos, sendo ambos accordes em confirmar a opinião, já citada, do titular tudesco (?)

Em 1885 foi o Dr. Mello Brandão, de competencia incontestavel, quem dellas se occupou, tendo sobre as mesmas escripto uma substanciosa monographia; e no anno seguinte o Dr. João Teixeira Alvares, então recém-formado, fazia-as analysar no laboratorio da Casa da Moeda, no Rio de Janeiro, analyse que revelou serem ellas "sulfo-acalinas—bicarbonatadas-sodicas".

Nesta mesma occasião o Dr. Caminhá, luminar da sciencia, orgulho desta grandiosa patria que lhe foi berço, escrevia sobre ellas o que de mais precioso se poderia escrever, concluindo por preconisar o seu emprego, garantido efficaz, nas differentes molestias dos intestinos, estomago, rins, pelle e, usadas com prudencia, tambem na tuberculose incipiente.

E por ultimo, já no anno que passa, o Dr. Oliveira Martins—n'uma longa serie de artigos publicados no "Correio de Araxá", artigos em que o seu talento de escol se manifestou em torrentes de luz—escreveu a "Chrenotheraphia das aguas mineraes do Araxá", estudo do mais alto valor e que confirma a sua ampla, extraordinariamente ampla applicação na therapeutica moderna.

Assim, bem se vê que são innumeradas as autoridades no genero, desde as mais remotas eras até nossos dias, que nos affirmam, de modo claro, cathorico, possuímos o mais bello diamante do mundo, mas que o desleixo, o criminoso, o revoltante, o peccaminoso desleixo dos nossos governantes não tem querido aproveitar, lapitando-o...

A S F O N T E S

Eil-as lá para o sul, jacentes a 6 kilometros da actual cidade, no seio dessa vegetação luxuriantre que maravilha e que assombra.

Vemol-as ainda no estado primitivo, como as viram os "Araxás" nas priscas eras, como as viram os cinco brayos de 1767...

E essa primitividade, ostentada em toda a sua nudez, é o libello, escandalosamente triste, tristemente escandaloso, que se ergue inexoravel contra os nossos dirigentes.

Em torno, bem o vêdes, tudo lago, tudo brejo, um oceano de lama putrida.

Eervas damninhas, como a urtiga caustica, vegetando por toda a parte, desassombradamente luxuriantemente; e as dejeções dos bovinos, dos cavallares, que dellas fizeram o seu logradouro predilecto, sujando, emporcalhando tudo, disvirtuando as aguas da saude, que brotam puras, crystalli-

nas, aos borbotões, das fendas das rochas enormes, marmoreas. De tal modo que quem ali for tomar o moderno banho de lama, preconizado pelo medico, tomal o-á d'aquillo que, salvo seja, immortalizou Cambronne—o heroe porco de Waterloo...

Eis o que são as nossas aguas, a nossa riqueza mais preciosa, que jazem n'um mar de immundicias como a lesma nojenta se aninhando no candido calice da assucena candida.

E até quando as veremos assim? Até que o sangue quente do pejo se manifeste nas faces frias dos responsaveis pelos bens da Patria, esta Patria tão grandiosa até hoje sempre illudida, sempre trahida, sempre vilipendiada.

E até que isto se dê, o nosso progresso será apenas uma pêta uma grandississima pêta.

O ARAXA' DE 1816 A 1830

Entretanto a nascente povoação lá se ia incrementando, bafejada pelo halito forte do Progresso. Assim, logo após a nossa reversão a Minas.

Em 1816, já contava ella cerca de 100 predios, numero que, em 1830 se elevava a 146, com uma população de 100 almas.

O seu rendimento, porem, que era o da chamada decima urbana, era simplesmente, positivamente irrisorio dando a media de 55\$899 annuaes, conforme os lançamentos que vimos, até 1830.

A sua lavoura, a par da pecuaria, ia se desenvolvendo sempre, muito promissoramente, n'uma enorme producção de cereaes, de fumo, de canna de assucar.

Chegou a ser, graças ao braço escravo e aos 30,000 alqueires de mattas virgens que então possuia, um dos principaes celleiros do paiz.

Os seus grandes fazendeiros, possuidores de innumerós escravos, que era preciso empregar, fazer trabalhar, produzir muito, o mais possivel, iam sempre e cada vez mais estendendo os limites de suas já enormes propriedades ruraes, lavradas á enxada, da manhã á noite, n'uma desoladora devastação de mattas virgens, pelos desgraçados captivos—automatos vivos.

E o facto dessas immensas propriedades pertencerem a uma meia duzia de privilegiados, n'um como monopolio de terrenos, como até hoje ainda succede, foi e continuará a ser o maior embaraço ao nosso desenvolvimento de população, que poderia ser muito maior.

Como é sabido, o systema das grandes propriedades, que somente pode ser mantido pelos potentados, fecha as portas à immigração dos pobres, que são o melhor elemento de progresso, por isso que são o braço pro-

ductor.

Volvamos, porem, ao nosso assumpto.

Dado o nosso pé de prosperidade, era já muito justo que os araxaenses de então, de simples julgados que o Araxá era, pretendessem exalçal-o a villa com uma camara sua, uma administração sua, privativamente sua...

E veriam, então, como haviam de elevál-o, elevál-o, elevál-o muito!

E a idéa da criação da villa passou a ser a aspiração suprema d'aquelle povo simples, generoso e bom.

* * * A VICTIMA * DE 1816

No emtanto havia em Araxá, afamadas pela belleza estonteadora de seus rostinhos de anjo, tres mulheres, tres herisontaes, que traziam os ingenuos araxaenses de antanho n'uma verdadeira polvorosa, cada qual mais inte rressado em chegar á posse exclusiva das pobres deuzas decahidas.

E foram estas tres desgraçadas, vendendo ao peso do ouro a sua belleza e as suas caricias, que construíram os tres sobrados, os primeiros que o Araxá possuiu, e que ainda hoje são o principal ornamento da ala direita—tomado do frontispicio da igreja—do nosso "Largo da Matriz".

Dentre as tres sereias uma—e mais formosa, a mais seductora—algo nos interessa conhecer.

Tinha ella um nome de guerra: era a sra. Beija.

Conhecemol-a, ha 14 annos, bella e pura como um casto raio de plenilunio, quando ella cahia victima de um monstro horripilante—o ouvidor geral...

Era ella, a pobre flor fanada, agora chafurdada na lama putrida dos alcouces.

Mais bella do que nunca, vivia cercada de uma legião de admiradores a cuja custa se dava aos maiores excessos do luxo. Não tendo medida em seus gastos desordenados, com sua altissima cotação, depenava litteralmente os ricos da terra, presos á belleza inegalavel de seus cabellos negros, muito bastos, annelidos...

Como todas as cocottes, n'um completo esgotamento de sentimentos e de sensações, não amava; não sentia, mas gostava de ver sentir, de ser amada, forçando os delirios, os paroxismos sentimentaes dos outros, a cuja paixão, voraz, corroedora, não correspondia nunca, mas que sabia explorar em beneficio de seus cofres.

Assim, ella que fôra um anjo tornára-se um demonio, uma cocotte como qualquer outra, vulgar e má.

E dizem que muitos lares, outr'ora, opulentos e felizes, lhe deveram deoís a pobreza e a desharmonia que nelles para sempre se implantaram.

OUTRAS EGREJAS

Ainda em 1816 construiu-se uma terceira igreja—a de Sta. Ritta, por iniciativa do capitão Narciso Rodrigues. E, em 1830, erigia-se a quarta, sob a evocação de N. S. da Conceição e devida aos esforços de Manoel José Garupa.

Para se apreciar devidamente o quanto custou esta ultima construcção, quanta persistência, quanta pertinacia demonstrou o seu promotor, saiba-se que este, á testa da philarmonica n'aquelle tempo no Araxá existente, sahio por este mundo em fora angariando donativos, tendo ido, sempre á frente da fanfarra, até ao povoado de Catalão, além do Parahyba!

Foi feliz, muito feliz mesmo em sua "harmoniosa" excursão e, graças talvez aos galopes executados pela infernal charanga, colheu o necessario para a consecução de seu fim...

III

CREAÇÃO DA VILLA

"Victoria, hosanna!

Viva o dia, o grande dia! Viva S. Magestade Real, Viva toda a sua corte, Viva o nosso governador, que a todos Deus guarde!

"Victoria, Victoria"!

E o Araxá, festivo, engalanado, com muita musica, a mesma musica de 1830, com muito foguete e muito enthusiasmo, vibrava, insanecia ao receber a noticia da assignatura do decreto de 13 de outubro de 1831, que elevava a villa o nosso torrão querido.

O decreto, porem, estabelecia que a posse só se daria quando o pôvo, tivesse edificado, á custa propria, a cadeia, o forum.

Reuniram-se então os maioraes da terra, em amistosa assembléa, para deliberarem sobre a construcção exigida.

Dentro de pouco tempo estava coberto o capital requerido e, para administrador da obra, foi eleito, por indicação unanime, o prestigioso Simão Ferreira de Figueiredo—Cavalheiro da ordem de Christo.

Tão bem se houve elle na tarefa á sua energia confiada, que em dezembro do anno seguinte—1832, estava a obra concluida, merecendo mil encomios pela excellencia de sua construcção, naquelle pesado estylo barôco-colonial, com muito material superfluo e com o seu largo beiral de largas telhas invertidas.

Aquillo não era cadeia, era fortaleza : os alicerces e os paredões dos cercos mediam 1, m 50 de largura, e eram de enormes blocos de rocha viva !

Esthetica, hygiene. para que? Pois não era a cadeia a sepultura a lobrega sepultura dos vivos?

Terminada, pois, a construcção e já se tendo procedido á eleição da camara, tudo se predispoz para a solemnidade da posse, que occorreu no dia 7 de Janeiro de 1833, conferida pelo presidente da camara de Paracatu do Principe. E a villa foi incorporada á comarca do Paraná.

Ficou assim constituida a primeira camara : presidente—Mariano Joaquim de Avila ; vereadores—conego Hermogenes Casimiro de Araujo, padre Mathias Pereira Cardoso, Desiderio Mendes dos Santos, Simão Ferreira de Figueiredo, Joaquim Telles Caldeira, Antonio Caetano de Paiva ; secretario—Antonio Joaquim da Costa e provedor Francisco de Paula Barreto.

Esta primeira camara, que fez administração e não fez politica, como sóe hoje acontecer, deixou de si a mais grata recordação, como se vê dos escriptos que d'aquelles tempos nos ficaram.

Entanto a renda municipal era em 1833, de 487\$197 e, em 1840, de..... 1 : 704\$876!

Apesar, porem, desta arrecadação minima, irrisoria, ainda podia a camara algo fazer em beneficio da municipalidade, em favor do povo que nella depositára a sua confiança.

E' que n'aquelles bellos tempos,—que infelizmente foram e não voltam mais—ainda eram conhecidos, em sua verdadeira e bellissima significação, estes tres vocabulos, dos mais nobres em todas as linguas : civismo, patriotismo, honestidade, que nos tempos hodiernos se transformaram, pelos Escariotes modernos, vendilhões da Patria, em interesse, mandonismo e peculato em, segundo o termo da moda, de um tom tão mais chic, simplesmente desfalque...

Estava, pois, creada a villa e é d'ahi por diante que começam os principaes acontecimentos politico—sociaes que tem convulsionado o Araxá.

Estavamos constituidos em municipalidade nossa e, confiantes, cheios de fé, os araxenses de então se prepararam para a conquista do futuro que, ai de nós ! nem por isso tem sido de rosas...

* * *

A ESTRÉIA DO JURY

Foi em 1836. Estreava-se o sisudo tribunal popular da villa e estreava bem : os réos foram condemnados á forca e, depois da morte, a serem decapitados... Sim, a monstruosa profanação—a decapitação do defunto, era

a continuação da pena, era a grande justiça humana extendendo-se ao infinito, indo mesmo além do nada, além da morte... Cousas do tempo!

Os dois coitados vieram presos de Coromandel—então pertencente ao Araxá—e lá haviam commettido o horrendo delicto, que os arrastava á pena infamante.

Eram dois pobres negros, dois miseraveis captivos, dois inbecis irresponsaveis ou, melhor, não eram nada, porque os escravos no Brasil—nada eterna!—não eram homens nem sequer creaturas: eram cousas, eram automatos.

Levados por um momento da mais justa revolta, quando talvez o latego da infamia lhes retalhava as faces, os dois desgraçados, n'um assomo de dignidade ainda não de todo morta, atiraram-se ao senhor malvado, coseram n'ó a faccadas, n'uma gana, n'uma fúria de energúmenos. E, tremulos de insanias, as feições decompostas, os olhos incendiados, como Carlos IX arcabusando os huguenotes, desferiam golpes enormes, muito fundos, enquanto os seus labios grossos se escancaravam n'um sorriso sinistro e máo, de Mephistopheles, como n'um esgar de fera.

E fôra este horripilante crime que o jury da villa resolvêra castigar com a pena de morte. Horripilante era elle, de certo; mas quantas attenuantes não o cercavam, não o protegiam! E quantas vezes a dura severidade desse mesmo tribunal, então como agora não se tem transmudado na mais macia, na mais doce complacencia — mesmo em casos muito mais condemnaveis — somente porque essa criminosa complacencia podia ser agradável ao chefe politico local?

Aberrações da consciencia!

Ergueram-se os cadafalsos no alto de Sta. Rita e a pena cruel se consummou. E aquelle alto tão apazivel, tão pittoresco, conserva ainda o nome sinistro de “alto da força”, como lembrança deste sinistro acontecimento.

I V

APPAPECIMENTO DA HYDRA

Prosperava a villa, que se ia desenvolvendo sempre, em sua vida calma e pacifica.

Já contava 200 habitações e 1.400 almas n'aquelle anno de 1840, que foi prenuncio de mil desagradaveis acontecimentos.

A politicagem estolida, a sêde de mandonismo, o satrapismo estúpido, que tanto nos tem infelicitado, começaram então de manifestar-se, para desgraça nossa. E desde então principiou de emperrar-se a machina do nosso progresso, d'ahi por diante sempre perturbado pelas luctas desordenadoras

que se travaram entre esses politiquieiros reles de todos os tempos, os quaes, emquanto, tecem os ardis, as mil e uma insidias tendentes a conservar-lhes a prepotencia, vão, entretanto, cavando a sepultura da Patria.

Assim foi que, entre os dois partidos politicos d'aquelle tempo—liberaes e conservadores, ambos na villa então representados por duas muito poderosas facções—começaram de surgir os primeiros signaes da tempestade prestes a desencadeiar-se n'uma horrivel tribusana de odios, de rancores, de vindictas vis.

Apparecera a hydra horrivel, essa politicagem esqualida que foi, tem sido e continúa a ser o principal elemento desorganizador do nosso progresso, a nossa ruina, a nossa morte.

E a hydra de 1840, insensivel á acção dos annos, é ainda hoje, em nosso meio e em nossos dias, a mesma hydra abjecta de então...

* * *

PRIMEIROS DESMANDOS

Os dois partidos, que até aquella occasião sò tiveram um unico fim, o mesmo nobre, alevantado ideal, commungando os mesmos principios, as mesmas idéas, que era o engrandecimento da sua terra; havendo sempre, até então, pelejado á sombra desta mesma bandeira, embora na politica geral as suas opiniões divergissem; que desta forma acirra de tudo collocavam o bem do seu torrão, a elle sacrificando as suas paixões partidarias—foram, no entanto, repentinamente atacados dessa eterna vesania de todos os partidos—ser unico e soberano, com o aniquilamento do outro. Mas não calcularam—ou, se o fizeram, pouco ou nada com isso se importaram—que esse aniquilamento exigia lucta e que essa lucta determinaria o aniquilamento tambem da terra que lhes fôra berço commum e por cujo bem vinham ambos até então trabalhando juntos.

A politicagem vesga, por em, não pondera; e, uma vez apparecida, campeia desenfreiada, em sua passagem arrazando tudo, tudo sacrificando, principalmente a Patria.

Mas, volvamos ao facto.

Os dois partidos da villa eram geralmente conhecidos por "partido de baixo" e "partido de cima", porque os dois principaes chefes d'aquelle—coroneis Mariano Joaquim de Avila e Simão Ferreira de Figueiredo, habitavam a parte baixa da povoação e os cabeças deste—coroneis Joaquim Carneiro e Fortunato Botelho, habitavam a parte alta.

Para realisar-se as eleições geraes e o "partido de cima" queria impor os seus candidatos ao suffragio tambem do partido contrario—o "de baixo"

candidatos que este naturalmente repudiava.

Na acceitação ou repudio destes candidatos, porem—como até hoje succede—não entrava nada de opinião, nada que visasse o bem da Patria, na esculha criteriosa dos seus representantes; tratava-se apenas—como ainda hoje se trata—de fazer triumphar o candidato, porque este triumpho era a victoria do partido que o elegia, era a prova inconcussa de sua prepotencia.

Nada de nobre, nada de grande, nada de ideal: tudo uma simples questão pessoal, pessoalissima.

O “partido de cima” propoz accordos, rebaixou-se, humilhou-se; o de baixo“, porem, não se deixou levar pelo canto da sereia, resistio, inquebrantou-se.

Eram ambos fortes e, n'uma eleição regular, muito duvidosa a victoria se fazia. Era, pois, necessaria a fraude, essa frau e decisiva de todos os tempos, de todos os regimens. Mas, como introduzil-a? O juiz de paz, presidente da mesa eleitoral, era pessoa do partido adverso e, alem disso, era parte deste o advogado Antonio da Costa Pinto, que saberia, reconhecida a fraude, fazer annullar a eleição.

Um meio, pois, somente um, lhes restava, meio extremo, inconfessavel, barbaro: a força.

Expulsariam da villa o juiz de paz e o advogado Costa Pinto, dest'arte ficando senhores absolutos da situação.

Isto assentado, os dois chefes do “partido de cima”—Joaquim Carneiro e Fortunato Botelho, á testa de 400 apaniguados seus, invadiram a villa na noite de 12 de julho de 1840, vespervas das eleições. E, entre gritarias e ameaças inuteis, ridiculas, á hespanhola, uma vez que era impossivel a resistencia, fizeram sahir, abandonar a villa, as duas victimas preindica-

das. Deste modo senhores do campo, procederam á eleição que fizeram a seu modo, segundo a sua vontade e interesse, tendo para isto engendrado um juiz de paz ad-hoc o titere Manoel Gonçalves Pinheiro, que teve a honra, a gloria de presidir á mesa nessas famosas, memoraveis eleições de 10. de agosto de 1840.

Entretanto o presidente da camara Suterio Ribeiro Rosa (1) que era um dos chefes do “partido de baixo”, nimamente desgostoso com estes successos deploraveis, aborrecido e temendo um ataque á camara, deliberou deixar a villa indo refugiar-se no Desemboque, para onde transportou todo o archivo municipal, em carro de bois.

Ali permaneceu por algum tempo, tendo ficado completamente acephala

(1) Em todas as assignaturas de proprio punho elle escrevia SUTFRIO.

a nossa municipalidade.

E enquanto tudo isso se passava, uma nuvem negra lá ia empannando o horizonte até então limpido do nosso progresso, assim paralyzado por essas luctas estupidas, sem razão de ser, as quaes, absorvendo a immensa maioria dos nossos habitantes, ia-os, *ipso-facto*, distrahindo do trabalho productor, unica fonte creadora da prosperidade de um povo.

V

12

Como si não bastassem os lamentaveis acontecimentos de 1840, cujos mephiticos resultados determinaram o subito estancamento do nosso então florescente desenvolvimento, veio ainda o 42 fatifero, com todo o seu tremendo cortejo de horrores e de sangue.

As tetricas consequencias desse celebre movimento comico tragico, para o Araxá ainda em botão, foram simplesmente desoladoras.

Elle veio precisamente quando a nossa vida achava-se no seu melhor periodo de formação, no seu apogeu, como se verifica do nosso augmento de população que foi, no decennio de 1830 a 1840, justamente de 400%. E o golpe que esse movimento desferio em nossa existencia foi muito fundo, de custosa cicatrização, interrompendo a nossa actividade productora, desequilibrando totalmente as nossas finanças, attingidas em cheio não só na cessação da cobrança das rendas municipaes, como tambem no sacrificio acarretado ás tortunas particulares.

E é por uma destas e muitas outras identicas que o Araxá, fadado para crescer, subir sempre, dados os seus naturaes elementos de progresso, tem-se, não obstante, levado a passos lentos, de caranguejo.

Este torrão abençoado, pois—como já o dissemos—tem sido victima do desmando de seus filhos...

Adiante, porem, em nossa narrativa.

Dera-se, como se sabe, pelo gabinete de 23 de março de 1841, a promulgação de duas medidas—a creação de um conselho de Estado e a reформа do Código do Processo—que foram pelos liberaes consideradas attentatorias das doutrinas por elles até então sustentadas e que haviam predominado na regencia de Feijó, em 1837. Assim considerando-as, contrarios a ellas se pronunciaram e, como haviam obtido maioria de representantes nas eleições geraes,—pelo processo que vimos em pratica no nosso Araxá—anciosos esperavam a reunião do parlamento para revogal-as.

O celebre decreto de 1 de maio porem, dissolvendo a camara, burlou-os totalmente.

Com este facto inesperado, que constituia uma formidavel decepção para os liberaes, deu-se a ebulição dos animos, exacerbaram ainda mais os espiritos.

Foi então que os deputados de S. Paulo e Minas, reunidos no Rio de Janeiro, deliberaram um pronunciamento contra o governo. E os liberaes paulistas tomaram a si a direcção dessa hostilisação ao poder.

Não sabemos, porem, devido a que circunstancias, desistiram os paulistas deste proposito, não se tendo verificado a manifestação hostil.

Entretanto, algum tempo depois, chegando á Sorocaba o coronel Tobias de Aguiar, principal chefe da politica de S. Paulo, ahi prestava juramento de presidente interino da Provincia, como a 17 de maio fôra pela camara municipal nomeado, e, incontinentemente, dirigia uma proclamação ao povo suspendendo a execução da lei de 3 de dezembro e seus regulamentos, em todos os seus effeitos.

Dest'arte communicado o fogo ao rastilho, irradiou-se logo, por muitos outros municipios paulistas, o movimento revolucionario, a rebellião. E Minas, envolvendo-se na "pelle de lobo" que lhe dera S. Paulo, lá foi na onda, onda que se fez em Barbacena no dia 10 de Junho e que, transpondo serras e varzeas, veio quebrar-se contra o nosso pobre Araxá, cuja vida, ainda em formação, quasi completamente suffocou.

Assim, enquanto em Barbacena se acclamava presidente da provincia o Vereador José Feliciano Pinto Coelho, o cel. Fortunato Botello, em Araxá, reunia os seus apaniguados e, sustentado pelos demais chefes do partido liberal, soltava o grlto da sedição, tendo feito circular, em todo o territorio da villa, a proclamação seguinte, que fora redigida por Joaquim Ferreira da Silva, juiz de paz de S. Francisco das Chagas:

ARACHANOS!

Hu'a olygarchia tirana e furiosa tem em coacção o nosso adorado Monarcha o sr. D. Pedro 2º, e tendo por sua influencia ariancado de hu'a degenerada maioria da assemblèa geral Leis de sangue, pretende com ellas, a seu bel-prazer, escravisar-nos. As diversas camaras, que contra essas monstruosas Leis representaram, foram suspensas e processados os seus membros; foi em fim reputado crime o uso do Direito de Petição e Representação, que nos garante o § 30 do art. 179 da Constituição do Imperio!!! A assembléa provincial de S. Paulo envia ao Throno hu'a mensagem, o governo lhe nega a audiencia do Monarcha e os enviados são cobertos de insultos e injurias!!! Que mais nos resta? Que partido a tomar? Reunamo-nos aos bons Mineiros, que com o Exmº. José Feliciano nosso presidente interino, corajosos marcham a esmagar a cabeça da hydra, que entre nós se levanta, e restituir

o Imperador á liberdade e pleno gôzo dos seus direitos Magestáticos, para como Pay commum poder ouvir os gemidos e remediar os malles dos seus Filhos. A Religião, a Patria, a Constituição, o Imperio exigem os nossos braços: eia mostremos que somos Brasileiros! Abaixo a olygarchia e a reforma do Codigo do processo!!!»

Feita a distribuição deste boletim, foi marcado o dia 30 de julho para a reunião dos sediciosos, no largo da Matriz. Entretanto, cada chefe fazia recrutar o maior numero possível de combatentes, empregando neste recrutamento, por mais de uma vez, a força contra aquelles que se negaram a acompanhá-los e, para obterem os viveres necessarios á manutenção de seus homens, roubavam os celleiros de diversas fazendas, davam-se descaradamente, abertamente, ao mais escandaloso dos latrocínios... E eram liberaes, defensores da liberdade! Mas o seu fim era "grandioso e nobre" e lá estava a famosa casuística dos filhos de Loyola, afirmando ser o fim a justificação dos meios...

Em meados de julho, graças aos reforços vindos de S. Francisco das Chagas, de S. Pedro, Conceição e Espirito Santo da Forquilha, já contavam os rebeldes cêrca de 500 homens, que acamparam no Corrego do Narciso, sob o commando em chefe do coronel Fortunato.

Alli, cheios de "impaciencia e valor", anciosos aguardavam o annuncio do dia 30...

Entretanto os legalistas não dormiam e, figuras altamente sympathicas, esplendidos em sua fidelidade á fé jurada, serenos e nobres juravam a si mesmos resistir até á morte.

Um caso aparentemente sem importancia veio, no entanto, precipitar es acontecimentos.

Fôra preso no Desemboque, por ordem das autoridades conservadoras e d'ali remettido para a cadeia do Araxá, o portuguez José Antonio Pestana, liberal e pessoa do coronel Fortunato.

Déra-se a prisão em virtude de ter sido encontrada em poder do preso uma carta dos rebeldes do Araxá, dirigida a um chefe liberal do Desemboque.

Deu-se a prisão no dia 13 e, no dia 16, era o preso recolhido à nossa cadeia.

Sabedores do facto, foram ás nuvens os rebeldes despoticos, resolvendo atacar a cadeia afim de libertarem o preso e aproveitando-se do ensejo para anticiparem a revolução. Assim, ao envez do dia 30, designado para o rompimento da sedição, rompeu-se esta no memoravel dia 18, pela manhan.

Não se fez esperar a intimação feita pelo commando em chefe das forças rebeldes aos bravos legalistas araxaenses, que responderam immediatamente: render, nunca... resistir, resistir até á morte! E, cheios de garbo e valor, so-

braçando as volumosas, pesadas pedreiras d'antanho, que tambem sabiam manejar, quando preciso, á maneira de massa ou clava, tomaram posições na cadeia, nas egrejas, nas ruas, nas praças.

Momentos após, em marcha accelerada, os rebeldes avançavam terriveis—quaes demonios da velha lenda—contra a villa muito leal, muito heroica seguindo-se o ataque, travando-se o combate.

Durou o fogo, mais ou menos intenso de parte á parte, 3 dias—de 18 a 21. Porem pouca effusão de sangue, louvado Deus! Apenas dois mortos e alguns feridos, sendo legalistas os dois infelizes que pagaram com a vida a sua dedicação aos poderes constituídos: o tenente Antonio do Amaral, da guarda nacional e o guarda policial Joaquim Ferreira, conhecido por Joaquim da Bella que se achava, este, entrincheirado na antiga torre da egreja de S. Sebastião, onde morreu. E, por este facto, esteve esta egreja por algum tempo interdicta, interdicção que sómente se levantou sob a condição de ser demolida a torre sinistra, o que se fez; e a tosca cruz de madeira que a encimava—symbolo sublime da redempção humana—foi transplantada da cupula alterosa da torre para a tumba humilde e baixa do indito guarda policial, victima do desvario politico de seus irmãos.

Foram os rebeldes, não obstante a "impaciencia e o valor" que antes de recontro demonstravam, litteralmente batidos, vergonhosamente rechassados. E muitos dentre elles haviam fugido miseravelmente ao fogo, n'uma retirada tão veloz que, certo, admiraria ao proprio Hermès alipede, o mensageiro de Zeus . . .

Findo o combate, n'um officio tão empanurrado de palavras respeitosas ao seu destinatario illustre, como de desrespeito á syntaxe, davam as autoridades araxaenses parte do ataque feito á villa ao então governador provincial Bernardo Jacyntho da Veiga, ao mesmo tempo que lhe communicavam, simplesmente, singelamente sem orgulho nem pavoneios, como convinha a heroes, a victoria de suas armas, que fora completa.

A victoria dos legalistas, porem, alcançada graças aos reforços que de diversos pontos da provincia lhes vieram, não lhes garantio, como adiante se verá a preponderancia politica na villa, que continuou sob a chefia dos liberaes—os sediciosos.

Avante, porem.

Dada a derrota dos rebeldes, a 21 de Julho, foi-lhes instaurado o respectivo processo, pelas autoridades legaes. Em fins de Dezembro do mesmo anno estava fechado o processo, com a culpabilidade, plenamente provada, do coronel Fortunato da Silva Botelho, Sylvestre Ribeiro Barbosa, Joaquim Carneiro de Mendonça e sua mãe D. Josepha Maria Roquete, para só citarmos os cabeças principaes. De D. Josepha que era a digna sogra do desembargador Antonio Paulino Limpo de Abreu tambem sedi-

cioso, disse mais ou menos isto o então promotor publico da comarca, que funcionou no processo:—esta senhora, de genio varcnil e bellicoso, pensa, de certo, que ainda se acha no seculo em que uma de seu sexo occupou a cadeira pontificia...

E esse promotor era o advogado Antonio da Costa Pinto Junior, já nosso conhecido nos successos de 1842, e cuja verve se expandio, com felicidade e, no original, com tres erros de grammatica, nessa tirada espirituosa.

Encerrado o processo, feito, para gloria dos legalistas, com a desejavel regularidade, á luz do Direito e da Justiça, ficaram os réos á disposição das autoridades que deviam levar-os a julgamento. Foi então que surgiu a annistia geral envolvendo todos os rebeldes do paiz em suas dobras bem-fazejas, essa annistia que foi o primeiro acto de generosa bondade de Pedro II, então uma creança e, indubitavelmente, o melhor dos brasileiros passados e presentes...

Quanto aos legalistas, cujos nomes se impõem para sempre á nossa admiração, dada a nobreza que se liga a todas as suas acções desenvolvidas na defesa da fé jurada, superiormente se salientam estes, que a cada passo encontramos neste singelo trabalho: Mariano Joaquim de Avila, juiz de direito interino e coronel de legião; tenente coronel Simão Ferreira de Figueiredo, juiz municipal; SOTERO (1) Ribeiro Rosa—cavalheiro da Ordem de Christo—delegado de policia; Pedro Alvares Ferreira, official da guarda nacional, ora citado como capitão, ora como major.

Guardem os nossos jovens compatricios, lá bem no âmago do coração, a grata lembrança destes quatro nomes—synthese da honra, do brio, da lealdade, que sacrificaram, sem um momento de hesitação, conforto e fortuna, expondo a propria vida para a sustentação da fé jurada ao governo constituido de sua Patria querida.

Sobre os rebeldes, pelo menos os de Araxá, pesa esta accusação, seguindo se deduz do estudo que fizemos: elles agiram impellidos por interesses pessoaes, visando tão somente a satisfação de sua desmedida ambição de mando, de prepotencia, habilmente se aproveitando do momento que era de uma agitação geral. Assim, aparentemente arregimentados á sombra da bandeira commun. dos iberaes, simulando visar somente os fins que estes se propunham, a verdade é que atagavam um sonho em que docemente se embalavam e cuja realisação só a elles, particularmente, seria proveitosa.

Dest'arte, embora os envolva uma certa exterioridade de desinteresse, de patriotismo mesmo—patriotismo comprehendido a seu modo,—exterior-

(1) Suterio assim assignava.

ridade que lhes communica um falso brilho, como vimos da proclamação que transcrevemos. comtudo o fundo, a substancia, a essencia nada mais são do que a sempiterna cubiça de mandonismo politico, ou essa megalomania grotesca que caracteriza todos os nossos classicos mandões d'aldeia. Nada de patriotismo, de desinteresse nada: somente a politicagem rasteira, cujo escopo não vae alem do proveito proprio e a qual está para a verdadeira politica como as trevas estão para a luz, como para o riso estão as lagrimas.

Não se riam os leitores... mas era a ideia do coronel Fortunato Botelho proclamar a republica do Araxá, annexando-lhe os municipios de Patrocínio e Estrella do Sul, n'aquelle tempo Bagagem.

Claro que lhe caberia a presidencia da nova republica, pois seria um absurdo sem nome fazer a gente revolução para outrem della se aproveitar.

Seria a republica creação sua, obra sua e depois—quem sabe? talvez lhe desse na telha ser imperador dos araxaenses... De resto, não seria isto um facto virgem, que lá estava, na historia, o exemplo de Napoleão, filho humilde de um humillimo casal de padeiros e, creiam, de uma estatura physica muito inferior á do coronel... Apesar de tudo isso não fca elle imperador dos francezes, apòs ter sido o primeiro consul de sua republica?

Que importava ser a republica do Araxá uma miseravel republica de meia duzia de habitantes? O tempo fal-a-ia grande!

E este sonho estulto do coronel constituiu, como se vê, o lado comico do 42 em Araxá, ao mesmo tempo que o desmascara, despojando-o da apparencia de patriotismo que o reveste.

Desta pretensão do coronel e seus partidarios temos a prova—alem do testemunho de alguém que ainda vive—nos autos do processo da sedição, no qual a testemunha Antonio Joaquim de Castro depõe que ouviu de D. Josepha que “a revolução era, aparentemente, feita em opposição ás leis e á reforma do Codigo, mas que o fim verdadeiro era a deposição das autoridades e a proclamação da dictadura.”... Dictadura era o que ella dizia; nas republica era o que, de facto, elles queriam.

E o movimento passou, porem passou como o furacão, medonhamente destruidor, calamitoso para o nosso Araxá.

DECADENCIA

Foram positivamente desoladores, como ficou dicto, os effeitos do funesto 42 para a nossa pobre villa, até então prospera e feliz.

E estes effeitos, como tudo que é máo, foram luradoiros, persistiram por mais de um decennio, até 1854.

Assim a villa, que tivéra uma tão ditosa florescencia, entrou n'um periodo triste de decadencia, agonisou quasi...

As rendas municipaes, que eram de 1:704\$876 em 1840, desapareceram totalmente, não havendo, de 1841 a 1853, o mais pequenino laçamento de qualquer arrecadação. A fortuna particular foi enormemente onerada, tendo-se despendido, entre liberaes e conservadores, algumas centenas de contos de réis com a negregada revolução. Alguns dos chefes de ambos os partidos se empobreceram completamente, não só pelos gastos que fizeram, como pela subita cessação do ganho, sacrificado á actividade da revolução.

Cessaram as construcções, crescia, luxuriante, o matagal nas ruas, nas praças e a villa, d'antes tão garrida na biancura impolluida de suas casas novas, passou a ter esse aspecto lugubrememente sombrio dos cemiterios abandonados.

A politicagem ignobil, dada a natural acirração do odio entre vencidos e vencedores mais do que nunca se accentuara e o mandonismo despotico do corenel Fortunato Botelho triumphava de tudo, como n'uma compensação da derrota que sofrêra na revolução. Desta forma, conseguiu elle ser eleito presidente da camara—já que o não pudéra ser da "republica" cargo que occupou des desta epoca—1843—até 1854, isto é—no periodo em que o Araxá mais decahiu, pois elle nunca fez administração, só fez politicagem.

Ora, por todas estas razões o pobre Araxá decahiu de dia para dia, sacrificado por alguns de seus filhos á deusa terrivel que se chama politicagem—divindade summamente perversa, fonte inexgotável de todos os males.

VI

5a. EGREJA

No entanto, não obstante a crise financeira que passou a assolar o Araxá,—crise gerada do tresloucamento de seus filhos,—mais uma igreja se construiu. Assim, enquanto as politicas mutuamente se degladiavam, se arruinavam, se trucidavam, o preto Mathias Rodrigues da Silva, muito devotado á Senhora do Rosario, promovia a edificação de uma capella ao doce

objecto de sua devoção.

Muito lhe custou, de certo, a effectuação deste tentamen, n'uma epocha tão ingrata como aquella. Mas, cheio de vontade, muito forte em seu querer, mais uma vez provando que querer è poder, não desanimou e, com as economias de seu trabalho arduo e honesto, completadas com as minguas dadas de seus parceiros, conseguiu, mais ou menos em 1843, construir a modesta egreghinha, a quinta que o Araxá possuiu.

E, durante o longo espaço de tempo que vai de 1842 a 1854, foi esta a única edificação que se fez na villa coda vez mais decadente, edificação que symbolisa a efficacia do querer e da força de vontade.

No emtanto, segundo a lenda, neste mesmo anno da graça de 1843, era a nossa já legendaria Araxá theatro d'um facto extraordinario, que reúne todos os caracteristicos do milagre...

Muito pittoresca, muito interessante esta lenda, cuja rigorosa veracidade è attestada por muitas testemunhas oculares do extranho acontecimento, algumas das quaes vivem ainda.

O PRODIGIO

Não escapára a nossa matriz, no movimento de 42, á sina geral de toda a villa: tambem ella fora victima dos estragos causados pela negregada revolução.

E á proporção que o tempo corria, os estragos alludidos, como era natural, iam progredindo. De tal sorte, já em 1843 a igreja ameaçava ruinas, fazendo-se necessaria a trasladação, para outra igreja, das imagens que ella continha. Foi para isto escolhida a igreja de S. Sebastião, cuja interdicção —a que já nos referimos—acabára justamente de ser suspensa, por ordem superior, pelo pe. Jeronymo Gonçalves de Macedo.

Fez-se a trasladação modestamente, sem procissão, e sem nenhuma pompa, sem a minima solemnidade, o que era contrario ao costume em se tratando de imagens já bentas.

Entretanto, succediam-se os annos e a igreja não se concertava...

Tempos depois, quando na villa já mais ou menos se haviam restabelecido á calma, a normalidade da vida, fazia-se a festa de S. Domingos, padroeiro da freguezia, senhor da igreja em ruinas e hospede contrafeito de S. Sebastião...

Sahira a procissão, que se compunha de cerca de 2.000 pessoas.

Em sua volta triumphal pela villa, conduzindo o santo hospede de S. Sebastião, havia o prestito de passar, necessariamente, em frente á igreja

desmantelada. E quando isto se deu, no momento preciso em que a imagem enfrentava a sua igreja, os conductores do andor observaram que o santo, que deveria em sua passagem, que era cortando transversalmente o frontispício do templo, ter o flanco esquerdo voltado para este, contudo lhe dava em cheio a frente... Era singular, uma vez que o honrado sacristão se recordava muito bem de ter, com excellentes pregos ponta de Paris, pregado solidamente a imagem ao andor! Emfim...

Concertou-se a imagem no andor, dando-se-lhe a posição primitiva; a fanfarra local deu começo a um galope abominavel e o prestito proseguiu em sua marcha triumphal.

Dez passos apenas e... outra vez a imagem voltada de frente para a sua igreja saudosa! Não, aquillo não era natural, aquillo impressionava! Em todo o caso...

Deu-se, pela vez segunda, a conveniente posição á imagem no andor; a charanga reencetou o seu detestavel galope, que o incidente muito exquísito interrompêra e o prestito desfilou.

Ia-se já a dobrar a esquina que occultaria a matriz derruida... e, ó ceos! lá estava o santo de frente para a sua igreja querida!

Um fremito de horror percorreu toda aquella multidão de almas simples e credulas, ao passo que a lividez do espanto se estampava em todos os rostos, que se diriam sem pinga de sangue...

Era o milagre, era S. Domingos ordenando ao povo a reconstrucção de sua igreja! E como o menos perspicaz dos leitores certo já previo, dentro de pouco tempo estavam concluidas as obras de reedificação, apezar da grande crise financeira que não estava ainda de todo debelada em nosso amado Araxá.

VII

O E X O D O

Alem dos successos de 40 e 42, tão desastrados em seus effeitos para a vida incipiente do Araxá, outra circumstancia occorreu, vindo ainda mais agravar a nossa decadencia já assustadora.

Foi em 1847. Descobriram-se as minas diamantíferas da Bagagem, cuja fama de riqueza sem igual a muita gente entonteceu.

Contava-se, com o exagero proprio de taes noticias, que os diamantes ali se colhiam a mãos cheias, á flor da terra.

E como eram bellos, tão perfeitos, tão puros, tão grandes!

E de toda a parte accorriam os aventureiros para se darem á exploração das preciosas gemmas, que de facto lá existiam, como existem ainda;

não, porem, n'uma quantidade tão grande que fosse bastante ou apenas sufficiente para enriquecer a todos que para lá se fôram.

O Araxá, principalmente, abalou quasi em peso para os terrenos das minas, n'um exodo verdadeiro. E muitos que assim erroneamente se levaram, aqui obandonaram casas, criações, lavoura. De maneiras que a nossa população decresceu consideravelmente, ao passo que a pecuaria e a agricultura, dantes tão prosperas, soffriam, dest'arte, um retrocesso prejudicialissimo. De tal forma dir-se-ia que a nossa fada tutelar comosco para sempre se arrafára, abandonando-nos à fatalidade, aos caprichos do destino. E o Araxá que se combalia, cada vez mais, com este ultimo golpe entrou a estorcer-se nas vascas da agonia.

Entretanto os araxaenses que se foram á aventura, deixando-se embalar pelo canto da sereia, aqui desprezando propriedades que lhes garantiam fartamente a subsistencia, foram duramente castigados ante a decepção que soffreram, o que prova que é sempre loucura imperdoavel deixar-se o certo pelo duvidoso.

* * *

MAIS FATALIDADES

Emquanto tudo isso se passava e o Araxá a mais e mais se definhava, ia o coronel Fortunato Botelho—o megalomano, cada vez mais se consolidando em seu predomínio politico absoluto.

Tão immensamente rico de haveres como de sede de mandonismo, tendo se sahido incolume do 42, embora derrotado, continuava a mover uma guerra de exterminio aos seus adversarios politicos, guerra incruenta, não ha duvida, mas nem por isso menos temivel que a sangrenta. E' verdade que a sedição lhe custára, e ao irmão, para mais de 50 contos de reis; mas esta gorda somma, fabulosa n'aquelles tempos, nem siquer lhe abalára a fortuna quasi nababesca, e os eternos adoradores do ouro dos outros, n'uma bajulação suez, iam-se-lhe filiando ao partido, primeiro porque elle era rico, segundo porque tinha o grande merito de não possuir merito algum. E estas duas qualidades, como è sabido, constituem a suprema perfeição aos olhos da turba ignara

Assim, si falhára o seu sonho burlesco quanto á presidencia da "sua republica", era-lhe agora dada a compensação no caudilhismo que, na villa, já exercia quasi absolutamente. E andava mesmo de sorte o nosso coronel, cahira elle no gôto dos deuses. Tanto que se diria que a propria morte com elle se pactuára para matisar-lhe de rosas o caminho do apogeu... E è assim que vamos ver, desolados, ir desaparecendo de um a um

successivamente, os maiores homens que o Araxá possuiu, os unicos que ainda oppunham uma certa resistencia á marcha sempre ascendente do despotismo politico do nosso Botelho, cujo valor real, politicamente falando-se, poder-se-ia exactamente aferir pela medida que lhe deu o nome...

Deste modo vemos, em primeiro logar desaparecer do scenario da vida, em 1853, a Sotero Ribeiro Rosa, que morreu pobre, crivado de dividas.

Fôra commerciante, capitalista e, no emtanto, morreu pobre, pagando-se os seus credores em rateio dos poucos bens deixados, na razão de 40'/. E este descalabro deveu-o elle á sua dedicação á causa que abraçára, ao 42, e depois á perseguição que lhe moveram os seus contrarios politicos.

Logo em seguida, em 1856, fallecia Simão Ferreira de Figueiredo e, como se lhe fosse impossivel viver sem os fieis valorosos companheiros de lucta, sempre os n.esmos na bonança como na tormenta, logo depois acompanhou-os o coronel Marciano Joaquim de Avila—o presidente da camara municipal do Araxá. E estes tres mortos illustres, como por mais de uma vez já o dissemos no decorrer deste obscuro trabalho, são as figuras mais proeminentes na historia da vida desse nosso torrão querido, estando os seus nomes impollutis, como temos visto, intimamente ligados aos principaes acontecimentos, aos factos mais brilhantes da nossa historia politico-social.

Sejam, pois, a sua fortaleza de animo, a sua fidelidade á fé jurada, a honradez que refulge em todos os seus actos, os seus esforços pelo engrandecimento da terra que lhes foi berço e tumulo, o seu patriotismo, seu civismo o espelho em que se mirem os araxaenses de hoje, sobretudo a nossa mocidade—esperança fagueira do nosso futuro.

Foi a morte destes tres varões conspiciosos que nós, epigraphando este capitulo, tachamos de fatalidade. E fatalidade foi, de certo, pois elles desapareceram no momento preciso em que mais necessarios nos eram. Entretanto, com a sua morte, accentuou-se de vez o predominio autoritario do coronel Furtunato, sob cuja influencia, negra, deleteria, cada vez mais se empallidecia a estrella que presidia aos nossos destinos.

VIII

NOVA CAMARA

Durou o mandato do coronel Fortunato Botelho, na presidencia da camara municipal de 1843 a 1854, como já o dissemos. E foi justamente este o periodo mais critico da nossa modesta vida de municipio, não tendo esta administração infeliz se assinalado pelo mais insignificante serviço á causa publica, tendo desaparecido totalmente, como já o fizemos sentir, a arrecadação das rendas municipaes nesse assás longo lapso de tempo!

O nosso coronel, pois, ao que parece, somente fazia despotismos e politicidade.

Ao coronel succedeu, na presidencia da camara, o sr. Januario Martins Borges, em 1854. E, desde que isto se deu, já uma certa normalidade começou de notar-se na administração municipal, tendo pelo menos reaparecido os lançamentos das rendas do municipio que, ainda este anno, foram de 216\$180, tendo-se elevado a 531\$096 em 1860, durando ainda o mandato Martins Borges.

* * *

MAIS DESPOTISMOS E OUTRO SONHO DO CORONEL

Entretanto, ainda dentro desse cyclo que nos occupa—1854-1860,—mais um acto arbitrario do coronel se fez notar, e mais um sonho de grandeza—ainda mallogrado—veio embalar-lhe a brilhante fantazia de megalomano incorrigivel...

Assim foi que,—no tocante á arbitrariedade—estando um bello dia funcionando a camara municipal sob a presidencia do sr. Martins Borges, seu presidente de facto e de direito, e dissentindo-se sobre uma medida qualquer que era desagradavel ao nosso "tyrannete", este, que assistia á sessão, embora fosse completamente alheio á corporação, começou a intrometter-se na discussão contrariando os votos favoraveis á medida que elle verberava. O presidente, querendo sustentar-se á altura de seu papel, chamou-lhe a attenção, fazendo-lhe vêr que elle ali nada mais era do que um intruso impertinente. E tanto bastou para fazer explodir a bomba. O nosso coronel, como um alude, atirou-se ao pobre presidente, deitou-o abaixo da cadeira presidencial e, nella se refestellando, na mais absurda das usurpações, passou a presidir os trabalhos d'aquella edilidade illustrissima...

Claro que, como epilogo natural de semelhante scena, os demais vereadores, submissos á prepotência do coronel, votaram pelo aborto do projecto em discussão.

Quanto ao outro sonho do coronel, não era elle na realidade nenhuma cousa sobrenatural: apenas visava um baronatosinho, o baronato do Araxá.

Era, como se vê, u'a mera questão de uma duzia de contos de reis por um titulo tantas vezes malbarateado, mas que, embora não conferindo nobreza, todavia dava um certo lustre á quem o possuia.

Pedia até muito pouco quem, alguns annos atraz, sonhara fazer uma republica e ser o seu presidente...

Encetaram-se as negociações para a compra do baronato. Caminhavam

as cousas ás mil maravilhas e já o nosso coronel prelibava, todo empavado, o delicioso gostinho de ouvir-se chamar o senhor barão do Araxá, quando Pedro II, tão judicioso em seus actos, lembrou-se, antes de assignar o titulo respectivo, de consultar o seu "livro negro"... E lá estava, em lettras muito gordas, o nome do aspirante a titular assignado como tendo sido o principal auctor dos nefandos successos de 40 e 42, em o nosso Araxá... Diante disso, o nobre monarcha, n'un arranco da mais justa indignação, quebrou a penna que, todo o mundo o sabe, jamais assignou, conscientemente pelo menos, uma iniq. idade.

E o novo sonho do coronel, á hora ultima sempre ludibriado, desfez-se em nada, como a tenne nuvemzinha branca que a ventania de agosto esfarrapou.

* * *

A OPPOSIÇÃO

Fartavam-se, no entanto, os araxaenses do mandonismo sem peias do coronel.

E era mesmo de mais que elle assim continuasse, impondo em tudo a soberania do seu querer, não raro com o mais revoltante menespreso de todos os direitos civis do cidadão, ora obrigado a acompanhal-o, mesmo á força, a suffragar nas urnas eleitoraes os candidados que elle impunha, ora até subornando-lhe a sua consciencia de jurado quando, no jury da villa, elle queria condemnar ou absolver alguém. Era de mais que elle assim continuasse, sempre, por completo, alheio a todas as prescripções do direito das gentes, inca insupportavel, coveiro da nossa civilização ainda nascente. E uma pleyada de araxaenses, assim comprehendendo, colligaram-se e, cheios de patriotismo e hombridade, reuniram os elementos dispersos que ainda restavam do partido conservador, que de novo levantaram, em opposição ao satrapa.

Compunha-se, essa pleyada, de araxaenses da segunda geração, continuadores da obra inesquecivel de Mariano Joaquim de Avila e seus devotados companheiros, cuja san politica sempre somente visou, como vimos, o bem, o engrandecimento de nossa terra.

Entre os chefes principaes desse novo partido, em boa hora reerguido, destacamos, com justiça, os nomes do major Antonio Manoel da Apresentação—posteriormente deputado provincial, do major Manoel Francisco de Avila, Elias Antonio de Avila, Bartholomeu de Paiva e Antonio Marcellino Teixeira.

Não se fizeram esperar os beneficos resultados dessa opposição, que sem-

pre se houve com o mais elevado criterio. Assim, logo que ella se formou, ou antes se organisou, vieram apparecendo os fructos de ouro de seus esforços patrioticos, enquanto lá se ia empallidecendo, a pouco e pouco, a estrella do coronel Fortunato, o qual, si nunca chegou a ser completamente desbancado, todavia deixou de ser absoluto, tendo d'ahi por diante um freio imposto á phobia—permitta-se-nos a expressão—de que era atacado contra a ordem, a civilisação e o direito das gentes...

E este facto—pelo menos assim se nos affigura—é por si só bastante eloquente para fazer a apologia da opposição, a nosso ver necessaria em todos os regimens, em todas as politicas. Claro, porem, que nos referimos á opposição estribada no boim senso, que se estabelece para vigiar, fiscalisar, regular as acções dos contrarios, verberando-as, guerreando-as quando más, ou louvando-as, amparando-as quando boas, e não á opposição systematica, por isso mesmo odiosa, como de ordinario se observa actualmentemte no paiz.

Voltemos, porem, ao nosso aranzel.

Graças, pois, á attitude sempre altamente patriotica da nossa sympathica opposição, desde logo cahiu ella nas boas graças do que havia de melhor, de mais independente entre os araxaenses, que lhe dispensaram um apoio franco, incondicional, tornando-a capaz de luctar, com vantagem, contra o partido do coronel, o que se deu.

E o resurgimento desse partido—antigos conservadores,—marca uma nova era para o Araxá então descahido, podendo chamar-se, com justeza e propriedade, a nossa renascença, que foi em 1862

Foi somente então que se restabeleceu a normalidade de nossa vida completamente desorganizada, voltando o povo á sua actividade habitual, recomeçando-se as construcções por tanto tempo estacionarias, por fim sorrindo-nos de novo a nossa bôa fada tutelar.

* * *

CIDADE

Um dos primeiros actos do directorio da opposição, que contava *in-limine* com a bôa vontade do governo, foi promover a elevação da villa á cathegoria de cidade.

Nesse intuito, louvabilismo intuito, fez elle uma representação á assembléa provincial, que o attendeu incontinenti creando a lei nº. 1259, de 19 de dezembro de 1865. E o governo, então em maré de bôa vontade para connosco, levou inda mais longe a sua generosidade, concedendo-nos á custa dos cofres provinciaes, o calçamento de tres ruas, calçamento que

ainda hoje existe em parte e que foi a primeira e, até hoje, ultima obra publica que o Araxá deveu á munificencia da então provincia, hoje estado, a este devendo ainda menos do que aquella...

Bem sabemos que a então provincia, assim como o hoje estado, sempre tiveram a melhor das intenções a nosso respeito; mas os seus governos, os antigos como os modernos—coitados! sempre tão atarefados, tão azafamados com os serviços da deusa politicagem, em cujo altar é preciso queimar-se constantemente o incenso que o povo paga,—assim tão absorvidos por esta occupação de ordem tão superior, como poderiam lembrar-se do pobre Araxá? Têm muita razão, carradas de razão, os coitados...

A posse da cidade, occorrida em começos de janeiro do anno subsequente—1866, teve não ha duvida, os seus festejos, algo solemnes; faltou-lhe, porem, aquella expontaneidade vibrante, delirante até, que se observou na posse da villa, em 1833. E' que, n'aquelle tempo, não existia ainda a dissidência negregada que gerou, para nós, os calamitosos 40 e 42, tão abundantes em execraveis successos e cuja lembrança ainda muito viva, arrefecia agora o entusiasmo do povo, pesando-lhe no espirite e no coração como um enorme bloco marmoreo.

Comtudo, era ainda assim grande e sincero o regosijo dos bons araxaenses com o faustoso acontecimento, que era incontestavelmente devido á patriótica iniciativa do novo partido conservador, cujos principaes chefes já indicamos, registando aqui os seus nomes, á gratidão dos nossos jovens compatriotas tão amigos.

A novel cidade contava então pouco mais de 200 predios, o que demonstra o longo periodo de decadencia a que já nos referimos. No decennio de 1830 a 1840, como vimos, o nosso augmento de construcções e população foi de cerca de 40%, ao passo que nos cinco lustros que vão de 1840 a 1865 a porcentagem foi muitissimo menor, foi minima. E esse estancamento subito do nosso progresso, como deixamos narrado e amplamente provado, devemos-o aos desmandos do coronel Fortunato Botelho e á subserviencia degradante d'aquelles que o sustentavam—ou pelo menos toleravam,—n'uma bajulação nojenta ao seu ouro impres-tavel...

Emfim, é a data de 19 de dezembro de 1865, que ora nos occupa, uma das mais felizes de nossa humilde historia de pequeno povo, pequeno porem altaneiro e ivre, por isso que ella symbolisa, para nós, a aurora d'uma nova edade, ponto de partida da nossa vida autonoma de hoje.



QUARTA PARTE

I

COMO SE FAZIAM AS NOSSAS ELEIÇÕES

Estava o novo partido—o dos conservadores, no seu melhor periodo de venturosa existencia, quando adveio, em 1874, uma eleição para juizes de paz. O partido liberal, que embora sobrepujado ainda vivia, empenhava-se em fazer os tres juizes e os conservadores, não sabemos porque, abstinham-se, não pleiteavam essa eleição.

A' ultima hora, porem, o major Antonio Manoel da Apresentação, chefe supremo dos conservadores, teve uma idea infeliz, mas que elle reputou luminosa, sinão genial: lembrou-se de apresentar um candidato seu.

O ensejo offerencia-se-lhe propicio para uma peça de truz pregada aos seus adversarios; a occasião era unica para elle mostrar, de uma vez para sempre, a superioridade esmagadora de sua facção, assim como de quanto era capaz a sua artimanha de velho politico experimentado.

Mettendo á burla o coronel e seus partidarios o seu feito audacioso ficaria celebre nos annaes da historia, quiçá o immortalisasse.

E celebre ficou, de facto; mas duma celebridade infeliz, de dislate, como em tempo apreciaremos, e dislate que se voltou contra elle proprio.

Eis o facto.

Existia então no Araxá um desses typos das ruas, entre maluco e san-deu, divertido ás vezes, insupportavel quasi sempre. Um desses semi-mentecaptos populares, como os ha em toda a parte, delicia da garotada, paria social.

Dava-se, o infeliz, ao luxo de ter um nome e, de mais a mais, um grande nome cheio de sobrenomes, á fidalga—Ezequiel Alves de Calazans e Lacerda; e permittia-se a liberdade de saber mais ou menos a arte de ler e escrever, ou pelo menos de bordar o seu nome.

Pois foi este pobre Calazans, tal qual o descrevemos, o candidato do partido conservador, eleito em terceiro lugar.

O major Apresentação, sahindo a campo no ultimo momento, ainda conseguiu elege-lo terceiro suplente, em acrimonioso acinte ao coronel. E este, contra toda uma dolorosa expectativa, dado o seu natural explosivismo de mandão autoritario, enguliu e em silencio devorou a affronta.

O tempo, porem, encarregou-se de proporcionar-lhe a vingança.

Assim foi que, decorridos alguns mezes, o major Apresentação começou a declinar, descendo os primeiros degráos de seu pedestal de gloria. Soffrê-ra, uns após outros fortes revezes de fortuna e já pobre, sobrecarregado

de dividas, só com escapatórias subrepticias lograva esquivar-se ás violencias de seus credores.

Um bello dia, no entanto, surgiu-lhe um credor impertinente que, sendo de fora, pouco se importava com a fastigiosa posição do major na politica local e, diante de suas eternas desculpas, muito mellifluas mas infructíferas, tomou a deliberação de accional-o. E era a acção da alçada do juiz de paz.

Feita a petição inicial, foi o requerente em busca do juiz em exercicio. Este, não obstante ser adversario politico do major, não ousou proferir o despacho, jurando suspeição; em vista disto, foi o supplicante em procura do segundo supplente, que se recusou tambem, da mesma forma jurando suspeição.

Furioso contra tudo e contra todos, não encontrando a justiça a que tinha direito. lá foi o nosso credor desabafar-se com o coronel Fortunato.

Posto ao correr da questão, o coronel esboçou o melhor de seus sorrisos e, jubiloso, reconheceu que era soada a hora da vingança, que se lhe offercia d'uma maneira tão extraordinaria, envolvendo-se em tão singulares coincidencias...

Havia ainda o recurso do terceiro supplente e este, segundo affirmou o coronel, daria tantos despachos quantos lhes fossem pedidos.

Assim, mandou vir á sua presença o terceiro supplente, o nosso Ezequiel Alves de Calazans e Lacerda e, mettendo-o n'uma magnifica fatieta preta, nova em folha, como o infeliz jamais sonhara vestir, tomou-o pela mão e o conduzio á casa das audiencias.

Proferido o despacho, correu a acção os tramites legais, tendo sido o major citado e executado na alçada d'um juiz mentecapto, que elle proprio elegêra.

Ralado de despeito e desgostos, havendo-se ferido no dardo que elle mesmo aguçára para alfinetar o amor proprio dos outros, pouco tempo depois, em 1876, fallecia o major.

Entretanto, deste episodio burlesco, que pinta ao vivo o character pouco sisudo do major Antonio Manoel, podemos inferir que os nossos politicos d'outros tempos, como armas que terçavam com os adversarios, tanto manejavam as pedreiras de 42 como o ridiculo ou a burla chistosa, mas chistosa a seu modo, que nós achamol-a d'um chiste do mais refinado máo gosto...

E o major, assim procedendo, peccou duplamente: peccou elegendo e fazendo reconhecer um inelegivel por absoluta incapacidade moral e intellectual, peccou illudindo a boa fé do eleitorado que, recebendo as cédulas fechadas, sem verificar o seu conteudo, passou pelo vexame de eleger um quasi idiota. E ahí está como se faziam e como ainda hoje se fazem na

maior parte das vezes as nossas eleições...

A' parte, porem, esse feito leviano do major, que registramos profligando-o, tem o seu nome um lugar de honra em nossa historia e, pelo muito que o Araxá lhe deve, por ter sido elle um dos principaes autores da nossa renascença e da nossa elevação á cidade, fez-se para sempre digno da gratidão dos araxaenses.

CONEGO CASSIANO B. D'AFFONSECA

Morto o major Apresentação, foi unanimemente indicado o conego Cassiano Barbosa d'Affonseca para substituil-o na direcção do partido conservador. E foi felicissima essa escolha.

A sua politica, sempre de paz e concordia, foi a mais fructuosa que o Araxá jamais teve.

Verdade é que ella foi algo combativa, mas d'um combate brando, sem azedumes, tendendo tão somente a eliminar de todo o mandonismo sanbudo do coronel Fortunato Botelho, mandonismo ja residual, mas que existia ainda.

Durou 12 annos a sua feliz gestão—de 1876 a 1888 e, nesse periodo de plena paz, o Araxá teve o seu melhor impulso na senda florida do progresso.

A renda municipal, que era de 531\$096 em 1860 e de 1:273\$290 em 1870, elevou-se a 2:728\$630 em 1880, enquanto a nossa população, ainda neste ultimo anno, ascendia a 2.400 almas e subia a 400 o numero dos nossos predios urbanos.

Crêmos bastar esta singela, concisa exposição, que se estriba na eloquencia indefectivel dos algarismos, para julgarmos completo o elogio que nos merece a acção bemfazeja desse filho illustre do Araxá, que lhe deve, como vimos, o seu melhor periodo de prosperidade. E d'ahi se infere, com a mais absoluta justeza, a necessidade imprescindivel da paz para o progresso de um povo.

Como homem publico, pois, è o conego Cassiano uma das figuras mais sympathicas de nossa historia, que, facto quasi virgem, delle só encontra para registar as boas obras, boas obras que se não turvejам siquer com o mais insignificante resquicio de um mal feito. E, como particular, foi o filho mais querido do povo, que o Araxá nunca mais teve, devendo elle essa extraordinaria popularidade á sua natural bondade, á brandura de seu genio, á sua caridade verdadeiramente evangelica, d'ahi resultando o seu enorme prestigio como chefe politico local. Falleceu a 19 de março de 1888 e tem a sua memoria, com muita justiça, um altar erguido no coração de cada araxaense.

* * *

PRIMEIRO JORNAL

Antes de encerrarmos este capitulo, que regista os acontecimentos de 1876 a 88, permitta-se-nos a abertura de mais alguns paragraphos, dos quaes este contendo a noticia do apparecimento do primeiro jornal que o Araxá possuiu: foi o "Paranahyba", em 1887.

Muito pequenino, mignon, microspico quasi; muito mal feito em sua veste barata de papel ordinario, todavia o seu apparecimento assignala, para nós, uma ephemeride digna de nota, pois foi o primeiro "paladino da opinião publica"—com licença da sedição chapa—que se imprimiu dentro dos muros desta velha Araxá lendaria.

Editou-o o sr. Heracio França, seu proprietario, a quem cabe a gloria da fundação da imprensa araxaense.

Não sabemos, ao certo, o tempo preciso de sua duração; comtudo, como estamos de gosto pelas citações das chapas borolentas, acrescentaremos que não foi mais longa do que a que é costume attribuir-se ás esfalfadas rosas de Melherbe...

* * *

A PESTE

Tivemos em Agosto de 1891 a terrivel da visita peste representada pela epidemia da variola. Esta veio-nos no pão, importamol-o n'um sacco de farinha de trigo. Foi o padeiro José Godinho quem nos trouxe o virus da asquerosa molestia, n'uma partida de farinha que adquirira no Rio, e a primeira pessoa attingida foi a sua esposa.

Houve, no começo uma certa hesitação por parte do corpo medico, na firmeza do diagnostico. Presumia-se, primeiro, que se tratava de um caso de escarlatina e, enquanto os medicos titubeavam, propagava se o mal. Acrescia ainda que, entre as 2,400 almas que então compunham a nossa população, não havia talvez 20% de vaccinados, de modo que a doenca assumiu desde logo o caracter epidemico e da epidemia passou á calamidade.

Cidade atrazada, do sertão, onde sempre houve muita politicagem, mas que nunca possuiu um hospital, imagine-se o terror que se apossou do povo quando o numero dos contaminados subio a dezenas e das dezenas passou ás centenas, sem haver um meio de isolar os doentes e só, ultimamente, existindo um medico para cuidar de todos!

Apenas um recurso havia: a fuga daquelle meio pesttiento, mephitico, porque a permanencia ali era a morte, morte horrivel, á mingua pro

isso que a cidade não dispunha do mais pequenino recurso para tratar dos desgraçados enfermos; e o povo, que assim o comprehendeu, desandou n'uma verdadeira debandada, abandonando a cidade que ficou completamente deserta, ou apenas habitada pelos doentes e meia duzia de homens caridosos que ficaram para confortal-os no que lhes fosse possível.

E, com o exodo do total da população da cidade, um outro mal, talvez mais horrivel que a propria peste, veio ainda mais agravar a tristissima situação dos infelizes doentes, que se contavam por centenas: a fome. O povo, fugindo daquelle meio maldito, naturalmente levou consigo, para o campo onde se foi refugiar, todos os viveres de que dispunha, de sorte que a cidade abandonada ficou completamente desprovida de recursos para a alimentação dos enfermos e enfermeiros! E foi então que um povo visinho—o Sacramento, conhecedor da nossa afflictiva, desesperadora posição, veio em nosso soccorro, mandando-nos expontaneamente uma farta carregação de viveres. Seja este acto caridoso desse povo amigo, generoso e bom, eternamente lembrado pela gratidão dos araxaenses.

Entretanto o mal ia ceifando vidas ás dezenas. E era tão completa a falta de pessoal na cidade deserta, que havia difficuldades até para a inhumação das victimas. Rareavam os homens para o transporte dos mortos ao cemiterio e o unico coveiro que existia mal dava conta de sua sinistra tarefa, pois dias houve em que foram necessarias dez e mais sepulturas. Esse coveiro, porem, não era um profissional, não era um assalariado: era um caridoso, um abnegado, que se offerecêra voluntariamente para desempenhar essa triste, penosa missão. Era um criminoso condemnado a galé perpetua e que cumpria a sua pena na cadeia local. Levou a sua dedicação ao heroísmo tendo por mais de uma vez, depois de haver aberto a cova, conduzido ás costas, sozinho, o cadaver ao cemiterio, quando faltavam por completo os encarregados deste mister. Era um galé perpetuo e, no entanto, tendo gozado por alguns dias da mais plena liberdade, tendo tido mil ocasiões propicias para a fuga, todavia não fugio, voltando expontaneamente para o carcere lobrego logo que terminou a sua lugubre missão... Chamava-se Antonio Izidro esse homem bom, que, certo, devia ser um criminoso á moda d'um João Valgean e que a ingratição de um povo deixou que continuasse preso, não tendo para elle impetrado o perdão que o governo podia conceder lhe e a que elle mil vezes fizera jus. Infelizmente, porem, é sempre assim: as acções dos pequenos, dos humildes, por mais meritorias que sejam, nunca se galardoam, passam sempre despercebidas.

Durou cinco longos mezes o terrivel flagello—de agosto de 91 a janeiro do anno subsequente. E, entre as muitas dezenas de victimas que o Araxá até hoje chora, uma houve, especialmente, cuja perda devéras nos pungio

foi o padre Belchior Ferreira, filho do nosso municipio, que havia pouco se ordenára. Muito moço ainda, talentoso e illustrado, era a unica esperança de seus velhos paes, pobres e com numerosa prole, sendo o filho padre o seu melhor arrimo. Morreu no seu posto de honra, victima do cumprimento de seu dever, pois foi por terido sacramentar e confortar um contaminado que se lhe pegou a molestia, que o victimou em poucos dias. A' sua memoria veneranda, pois, rendemos o culto que nos merecem os virtuosos, os bons. Tambem aos frades dominicanos, do convento de Uberaba, consagramos aqui duas palavras que traduzem o nosso merecido louvor ao seu feito piedoso, por terem vindo,—dois dentre elles,—attendendo ao appello que lhes dirigio o dr. Eduardo Montandon, trazer ás inditas victimas as consolações da nossa religião, aqui permanecendo emquanto durou a epidemia. E o dr. Eduardo, esse terá aqui um paragrapho especial, que a grandeza de seu nome—o maior de todos os araxaenses—não cabe n'um estreito limite de fim de capitulo.

Devellado emfim o pavoroso flagello, de funestissima memoria, voltaram os foragidos aos seus lares abandonados. E é facil imaginar-se o aspecto da cidade quando isto se deu. Tudo ali era triste, lugubre, desolador. As casas, durante cinco mezes deshabitadas, transudavam a bolor e de seus interiores escapava um bafo de masmorra infecta... As ruas e praças, literalmente invadidas pelo mattagal, na exuberancia de nossa vegetação tropical, dir-se-iam selvas virgens. E na lividez marmorea de cada physionomia—daquelles que voltavam aos seus penates—se estampava o terror, esse terror que é quasi demencia. Por toda a parte a devastação, a ruina, o luto. Um horror, uma desolação! E foi esse flagello, um dos golpes mais rudes vibrados contra o nosso progresso. Entretanto—e com immenso pezar o notamos—si o flagello hoje se repetisse, vir nos ia ainda surprehender, tal qual como em 91, completamente privados de quaesquer meios, mesmo os mais rudimentares, para combatel-o, pois o Araxá, actualmente uma das maiores cidades do Estado, nem ao menos possui um hospital decente. O' imprevidencia,—caracteristico dos mineiros,—quantos seculos durarás tu? Jamais, pois, te aproveitará a lição do passado?

* * *

DR. EDUARDO AUGUSTO MONTANDON

Deste filho illustre do Araxá, um dos mais dignos de figurar em nossa modesta historia, sò agora vamos tratar, por isso somente agora o ensejo se nos offereceu. Vimos já o seu nome, mas n'uma menção vaga, acima neste mesmo capitulo.

Foi elle o medico, a que referimos, que sezinho tratou dos variolosos, sem os haver abandonado um só momento.

Verdadeiro sacerdote da sciencia, arrostou sereno, sem um momento de indecisão, todo o sacrificio resultante daquelles infundaveis cinco mezes da duração do flagello. E quantas vidas a sua abnegação não salvou! Bastava, pois, esse seu acto inesquecível para tornar-o credor de um logar de honra em nossa historia; o seu merito, porem, vae muito mais longe e elle não é uma personalidade historica somente em nossa singellissima historia de pequeno povo: é tambem um vulto historico na historia politica do paiz. x

Vamos traçar, em rapidos e pallidos rabiscos, pallidez que contrasta com o brilho de seu nome, a sua biographia, para que os jovens araxaenses fiquem conhecendo o mais notavel dos nossos compatricos.

Elle nasceu a 2 de dezembro de 1835, em a nossa então villa do Araxá. Estudou humanidades no antigo collegio de Campo Bello do Prata, neste Estado; e, como era natural, dada a clareza de sua intelligencia privilegiada, fez um curso de raro brilhantismo. Findo os seus preparatorios, matriculou-se na Academia de Medecina do Rio de Janeiro, em 1854. E foi neste curso superior que o seu talento de escol expandio-se em toda a plenitude do seu inexcedível fulgor. Tornou se desde logo o oraculo entre os seus concidipulos, que o consultavam sempre sobre os pontos obscuros suggeridos nas materias do ensino e, fora deste, sobretudo na interpretação dos autores latinos, quando nas horas vagas cultivavam as bellas letras, era a sua opinião autorisada uma sentença inappellavel.

Em 30 de novembro de 1859 concluiu elle o curso medico, que em nada desmereceu, quanto ao brilhantismo com que nelle se houve a sua fama de intelligencia conquistada em seus tempos de preparatorando.

Em 1864 foi eleito, sob os auspicios da politica do seu torrão natal, deputado provincial, posto que occupou ate 1869. Aní revelou elle os seus grandes dotes de orador muito imaginoso e fulgente. Em 1882, já sobejamente conhecido em toda a provincia, gosando já de um renome e tendo já conquistado um grande prestigio no districto eleitoral que o elegera deputado provincial.—em 1882, diziamos, foi eleito deputado geral, cargo que occupou até 1888. Em começos de 89, como justa recompensa dos inestimaveis serviços que elle prestara á nação durante a sua estadia no parlamento nacional, nomeava o Pedro II governador de Goyaz, e neste logar de tamanho destaque veio surprehendel-o o advento da republica.

Monarchista intransigente, fidelissimo á memoria de D. Pedro de Alcantara, de quem foi grande amigo, nunca quiz adherir ao novo regimen, e, por mais de uma vez, tem rejeitada uma cadeira no congresso federal, caeirda que lhe havia sido oferecida por quem sabe devidamente apparecer o

seu merito ircontestavel. Assim, depois de haver occupado as mais elevadas posições na politica patria, condemnou-se voluntariamente ao ostracismo e, recolhendo-se á vida privada, voltou a habitar a sua querida Minas, fazendo clinica em diversas localidades onde tem residido.

E ahi está, em breves palavras, biographada a personalidade publica do mais conspicuo dos araxaenses. Passemos, agora, a occupar nos de sua personalidade particular, tarefa que emprehendemos gostosamente, pois é sempre agradável falar a gente de um justo.

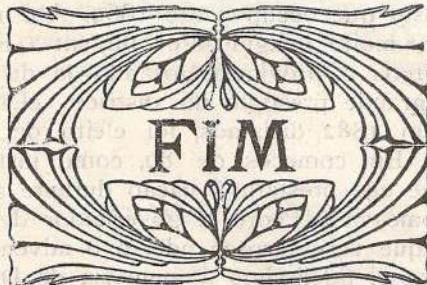
Excessivamente modesto, muito chão, maneiroso e muito affavel, foi sempre adorado pelo povo; medico proficientissimo, extremamente caridoso, jamais recusou os seus serviços aos pobres, com esse desinteresse, esse despreendimento que sò se encontram n'um genuino christão.

Não ha, em Araxá, quem lhe não deva uma gentileza, uma gratidão, já como medico, já como amigo dedicado e bom.

E' hoje octogenario e, em sua longa vida de macrobio, sò tem pregado e praticado o bem. F' octogenario, mas conserva ainda completa integridade das faculdades mentaes, tendo a sua memoria prodigiosa nos fornecido os melhores dados com que jogamos para a confecção deste modesto trabalho.

Vive hoje, o venerando velhinho, somente para a familia, para a caridade e para a religião, pois é um dos mais fervorosos catholicos.

Veneravel entre os mais veneraveis, si não tem a cercar-lhe o nome a mesma fulgurante aureola que cinge a fronte de um Vicente de Paulo, tem ao menos a sua immortalidade garantida na lembrança dos araxaenses, que hão de saber conservar a memoria desse homem justo, insigne na intelligencia, no carater e na bondade. A elle a modesta homenagem de nossa admiração.



HISTORIA DO ARAXÁ

Vae ser interrompida brevemente a publicação dessa interessante obra que a penna bem aparada de nosso talentoso conterraneo Clodion Cardoso vinha escrevendo para o CORREIO.

A razão é a seguinte:—Clodion Cardoso escrevia a historia de collaboração com o sr. Sebastião d’Affonseca, cuja tarefa, aliás ardua e meritoria, consistia em escavar factos e documentos, onde os encontrasse, como elementos basicos em torno dos quaes o collaborador litterario interferisse o seu espirito e o seu criterio de historiador.

Aconteceu, porém, que o segundo dos autores discordou de modo absoluto da interpretação dada, na forma ou no fundo, aos acontecimentos occorridos nesta cidade, desde o anno de 1890 até o presente.

Deixando de lado os pontos discordantes, tomamos mais dous capitulos do texto, um sobre a epidemia da variola, nesta cidade, em 1891, outro sobre a personalidade do Dr. Eduardo Montandon, e com este ultimo vamos fechar a historia do Araxá.

A parte que mais nos interessava, nessa historia, era de facto a antiga, cujos documentos já raros em breve se perderiam si agora não fossem aproveitados.

Sempre pensamos que a sua parte contemporanea e mesmo a moderna não poderiam ser descriptas por membros da actual geração, que, de um ou outro modo, tem seu *panti pris* no iraduzir de factos mais ou menos recentes, dos quaes alguns dos protogonistas ainda vivos conservam e incitam rancores “familiares”.

Ser historiador debaixo dessa condição é como que ser juiz em causa propria, dando sentenças fora da acção da imparcialidade.

Que d’aqui a 50 annos venham outros historiadores registrar com inteira imparcialidade e isenção de animo as

HISTÓRIA DO ARAXÁ

ocorrências que lançaram a discordia litteraria entre os dous distinctos historiadores araxãenses, e que ainda o CORREIO de nossos filhos venha publical-a...

Opportunamente, faremos a nossa critica sobre os "Subsidios para a historia do Araxá", cuja publicação se exgotará com mais duas ou tres edições.

Por emquanto, nossos abraços ao querido patricio Clodion Cardoso, a quem o CORREIO deve a maior parte do brilho que lhe emprestam os seus collaboradores.

Excerpto do "Correio de Araxá" nº. 111 de 30 de Maio de 1915.

Fundação Cultural Calmon Berrato de Araxá

Centro de Preservação do Patrimônio Histórico

Documento catalogado sob nº. 733/AM 013

Data: 21 / 05 / 89

FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO
SETOR DE ARQUIVO HISTÓRICO, PESQUISAS E PUBLICAÇÕES

Origem _____

Doação

Valor _____

Data _____